

FEVEREIRO/94 - Nº 544 - ANO 50 - CR\$ 2.100,00

a granja

A REVISTA
DO LIDER RURAL

PORTE PAGO

DR/RS

ISR-49-0399/81



Neloristas tradicionais apostam no polêmico brahman

DEPOIMENTO
Valter Pötter:
“O segredo do sucesso está no uso do conhecimento”

Fitozooterapia, a ecologia a serviço da criação animal

Metas e perspectivas de
UVAS & VINHOS



Neguvon[®]

Líder em todos os campos

Eficiente:

Neguvon é o melhor no tratamento contra bernes, vermes, habronemose, sarnas, gasterofilose, oestrose e no combate à piolhos e moscas.

Versátil:

Neguvon pode ser utilizado através da pulverização, por via oral, pincelamento, método pour-on ou ainda através de iscas.

Neguvon[®]



Prático:

Com Neguvon você trata dos bovinos, eqüinos, ovinos, suínos, caprinos e aves.

Econômico:

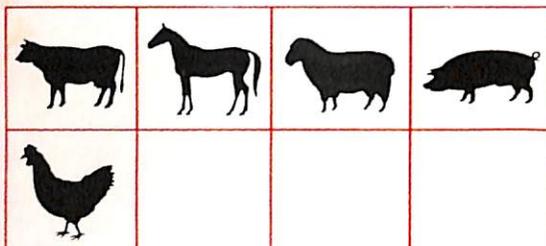
Neguvon tem o menor custo pela multiplicidade de uso.

Apresentação:

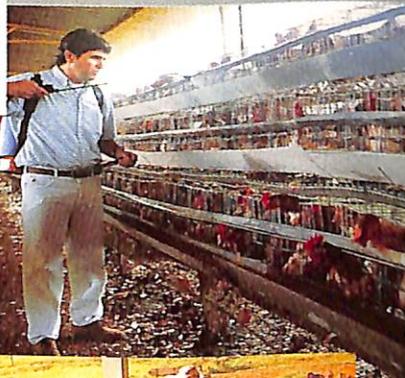
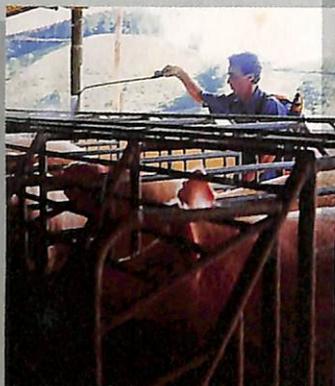
150 e 500 g

Bernicida, Oestricida, Inseticida

Peso líquido: 150 g
Uso Veterinário



para bovinos, eqüinos, ovinos, suínos e aves



Bayer

Se é Bayer, é bom.

Um empreendimento de raça

Só mesmo a época da idade escolar conseguiu romper, temporariamente, a ligação com o campo que Valter José Pötter manteve de forma plena dos primeiros cinco dias de vida aos sete anos de idade. Numa típica situação de pai para filho desde 1950, esse veterinário é administrador e proprietário da Empresa Agropecuária Guatambu, em Dom Pedrito/RS, considerada um dos estabelecimentos de ponta no País.

Em conjunto com as propriedades Alvorada e Catymadruga, forma o Grupo "Delta G", com 20.000 bovinos de corte, 6.000 ovinos lã e carne, e 4.000ha com agricultura, dos quais 2.000ha com arroz irrigado, 800ha com soja e 1.200ha com sementes de forrageiras. A novidade nesse contexto é a "Conexão Braford", que, com cruzamentos entre as raças polled hereford e nelore, está promoven-

do o desenvolvimento de um bovino sintético, produtivo e adaptado tanto ao Sul como ao Brasil Central. Os investimentos iniciais estão estimados em US\$ 200 mil, e desse trabalho participam 18 estabelecimentos, que deverão controlar a produção de 20.000 ventres em 1994.

Valter recorda que, há 20 anos, era possível encontrar novilhos de engorde com até dois anos somente nas estações experimentais. "Hoje, 20% dos animais abatidos nessa faixa de idade são criados nos campos de Dom Pedrito e Bagé. Mas o importante, para se conseguir bons resultados na atividade, é, acima de tudo, ter paixão por aquilo que se está fazendo", recomenda.



Valter José Pötter aponta para um touro da raça polled hereford produzido com a tecnologia do Delta G

A Granja - O que significa a denominação "Delta G" e o que representa?

Valter Pötter — "Delta G" é uma marca comercial explorada por três empresas familiares, as quais tiveram a mesma origem e desenvolvem um trabalho de melhoramento genético

com bovinos de corte das raças polled hereford e braford. A escolha do nome vem da representação de delta g, que, em melhoramento, quer dizer ganho genético. Já o propósito da atividade conjunta é o de conseguir resultados superiores através de aplicações de técnicas científicas na produção.

P — Quais são as empresas e seus homens de frente?

R — Elas estão localizadas com suas bases nas regiões Sudoeste e Campanha do Rio Grande do Sul, mais precisamente nos municípios de Quaraí, Santana do Livramento, Bagé e Dom Pedrito, próximos à fronteira

do Uruguai. As empresas e os proprietários são: Alvorada, Zart Condomínio Agropecuário, de Rogério Gilberto Zart, José Ivo Zart e Claudine Zart; Catymadruga, de Adroaldo Bernardo Pötter; e Guatambu, de Valter José Pötter.

P — Que tipo de profissional atua junto a esses grupos?

R — As organizações envolvidas na produção agropecuária contam, na estrutura administrativa e operacional, com técnicos de formação superior na área de ciências rurais e outros 120 funcionários distribuídos tanto na produção como na administração e comercialização de produtos pecuários e agrícolas. Além do quadro funcional fixo, existe o apoio de assessorias e consultorias jurídica, contábil-fiscal, imprensa, econômica, informática, zootécnica, veterinária e agrônômica. E também há outros trabalhos terceirizados, como o congelamento de sêmen em centrais especializadas; transferência de embriões; produção de mel; esquila de ovinos e operações aeroagrícolas. Mantemos intercâmbio com instituições científicas de pesquisa e universidades, por meio de convênios para estágios, visitas técnicas, experimentações, ensaios de campo, promoção e participação de seminários, congressos e palestras.

A integração lavoura-pecuária promove o aumento da produtividade

P — Como estão divididos os números das propriedades na agropecuária em geral?

R — As empresas trabalham em 21.500ha com 20.000 bovinos de corte, 6.000 ovinos lã e carne; 4.000ha com agricultura de arroz irrigado (50%), soja (20%) e sementes finas de forrageiras (30%). A integração entre lavoura e pecuária é empregada como promoção dos níveis de produtividade e sustentação dos sistemas de produção, que, por serem interligados na base, oportunizam condições práticas e técnicas com vantagens recíprocas.

P — Quais os fatores que credenciam o grupo como um dos principais do País?

R — A posição conquistada pelo "Delta G" no setor agropecuário se

deve ao nível tecnológico de produção utilizado, bem como ao eficiente gerenciamento dos fatores envolvidos na atividade, tais como: relevância e capacitação de recursos humanos, empreendimentos estrategicamente planejados e executados, cuidados especiais na preservação dos recursos naturais, atitudes profissionais em todas as fases do processo, atualização e inovações tecnológicas permanentes.

Na utilização do conhecimento está a chave do sucesso

P — Que dificuldades foram enfrentadas para atingir esse patamar, conferindo prestígio junto aos criadores, entre outros segmentos?

R — Sem dúvida alguma, na pecuária de corte, as dificuldades de reconhecimento da competência e viabilidade do empreendimento foram maiores. É um setor que mantém certo conservadorismo e desconfiança, e, só com o passar do tempo e com a comprovação econômica dos resultados, vêm o prestígio e o reconhecimento dos agentes envolvidos no processo. Entre os exemplos de dificuldades destaco: 1) antes, os novilhos de 18 meses de idade eram valorizados a preços aviltados, enquanto, agora, temos sobrepreço a essa mercadoria de excelente padrão; 2) em outros tempos, vendíamos um touro por US\$ 800 a US\$ 900, e, hoje, o mercado paga de US\$ 1.800 a US\$ 2.000; 3) íamos ao Uruguai e à Argentina ver sistemas de produção novos, ao contrário do momento atual, quando, constantemente, recebemos visitas de produtores desses países e até de técnicos do Primeiro Mundo.

P — Quais os segredos para produzir um touro, sendo esse animal decisivo no sucesso do criatório?

R — Para se produzir um touro superior (reprodutor macho), há regras básicas a serem cumpridas: uma boa base genética, isto é, matrizes e touros pais melhoradores; maior oportunidade de escolha possível, o que é conseguido com grandes populações de indivíduos (rebanho numeroso), oportu-

nizando uma alta pressão de seleção e grande variabilidade genética, que são componentes importantes do processo; métodos de trabalho os mais técnicos e eficazes possíveis, como programas de performance, provas de progênie, controles de produção, inseminação artificial, transferência de embriões, bons métodos de manejo e nutrição, sanidade adequada e uma organização do gerenciamento compatível com a complexidade da atividade; consciência das aspirações do mercado, o que, para nós do "Delta G", se torna muito fácil devido a termos todo o processo da produção "em casa". Antes de tudo, somos criadores de animais comerciais e produzimos os touros para uso próprio e depois para venda.

P — Em que patamar situa-se um touro do grupo, em comparação a um animal americano ou europeu?

R — Aplicando todos os conceitos citados, se produz uma mercadoria que nada deve às do Primeiro Mundo. A chave de tudo é o conhecimento, e este é universal para os que querem utilizá-lo, e dele lançam mão constantemente.

Garantia da qualidade é vital para a sobrevivência no setor

P — O produtor se sente seguro em adquirir um animal cujos dados de desempenho estejam disponíveis, deixando de lado a época do olhometro, da compra subjetiva? Esse tipo de trabalho é uma tendência obrigatória?

R — A garantia de qualidade em qualquer produto é vital para a sobrevivência no setor. Somente com um trabalho consistente e profissional, se atinge um padrão diferenciado, quando o mercado exige cada vez mais eficiência nos resultados. Em seleção de animais, a Diferença Esperada da Progênie (DEP) é um exemplo concreto do conceito de qualidade, e os agentes de mercado já sinalizam claramente a sua valorização. Segundo renomados cientistas sociais, estamos presenciando uma grande mudança de valores, e, conforme conceitua muito bem Alvin Toffler, na sua recente obra *Mudan-*

ças de Poder, a moeda cada vez mais será informação, especificação e cultura. A pecuária de corte não pode ficar eternamente alijada da evolução e do progresso, sob pena de seguir perdendo força, diminuindo a competitividade e ficando cada vez mais deslocada do contexto produtivo e econômico-social.

Desenvolver um bovino sintético produtivo e adaptado é o objetivo final

P — O que vem a ser a conexão braford (polled hereford x nelore), com seus rebanhos integrados?

R — Constituímos um grupo de produtores com identidade de propósitos, visando estabelecer novos caminhos genéticos e comerciais. A meta é promover o desenvolvimento do setor (transferência de tecnologia e melhoramento genético), a conquista de novos mercados no Brasil Central e Mercosul e ganhos genéticos (variabilidade genética e diferença de seleção). E, entre os critérios técnicos básicos, é fundamental a observância daqueles que apresentarem como resultados sistema padronizado de controle de produção em 100% do rebanho integrado; observância de bases mínimas para avaliação e conectabilidade genética; decisões em melhoramento orientadas pelo conselho técnico; avaliações genéticas centralizadas. Como exigências para o sistema de produção, está a primeira parição aos 36 meses; vacas falhadas e não-paridas eliminadas do programa; período de reprodução máximo de 90 dias e utilização, no cruzamento, de 10% de ventres hereford.

P — Dentro deste contexto, qual a finalidade do Programa Braford?

R — O objetivo final é desenvolver um bovino sintético produtivo e adaptado, capaz de levar ao rebanho nacional, sem requerer qualquer alteração de manejo, os ganhos da heterose e de genes superiores para a produção. O programa é baseado em recentes avanços genéticos, permitindo integrar uma grande população estruturada para ter garantias de resultados, evitando a formação de subgrupos, e poder realizar uma forte pressão de seleção, mantendo assim altas taxas

de ganho genético.

P — Quais os grupos que estão envolvidos no processo?

R — Por meio de uma parceria, se integraram o Condomínio Núcleo Delta G, Agropecuária CFM, Cabanha Azul, Pedro Monteiro Lopes, Nutritional, Biopool, Nova Aurora, Bocarrai, Estiva e Clube do Novilho de Uruguiana. Esses grupos deverão estar controlando a produção de 20.000 ventres em 1994, o que significa uma safra anual de 3.000 machos selecionados. O volume de touros de reposição é suficiente para uma população de 300.000 vacas comerciais. E os custos de comercialização prevêm cifras da ordem de US\$ 200.000.

P — Quais os principais problemas que a pecuária enfrenta, tanto no mercado interno como no externo?

R — O fator crucial com que a pecuária de corte com bovinos se defronta é o fraco desempenho perante outras atividades produtivas do setor primário. Vejamos o quanto avançaram a lavoura, o frango, o suíno, o leite, etc, na última década, e chegaremos à uma conclusão simples: a fraca competitividade econômica da pecuária de corte com bovinos. Se continuar essa tendência, em pouco tempo será uma atividade marginal, deslocada para ambientes que não oferecem condições a outras atividades produtivas. Deve-se tentar reverter urgentemente esse cenário.

O futuro da pecuária está ligado à mudança de mentalidade dos produtores

P — De que forma isso seria possível?

R — Tem tanto espaço, tanta coisa para ser feita que não caberia em uma edição inteira da revista *A Granja*. Vamos aos grandes problemas: deficiente capacitação do homem do campo; sistemas de produção incoerentes com as condições; falta de integração lavoura-pecuária; conservadorismo exagerado; amadorismo gerencial; inexistência de programa técnico de manejo; nutrição ultradeficiente dos animais; sanidade comprometida dos

rebanhos; desconhecimento do manejo de pastos nativos e pastagens cultivadas; pouca adoção de suplementação alimentar e confinamento nas épocas críticas; programas de melhoramento genético sem resultados técnicos; uso de genética inadequada ao meio; idade de abate e de reprodução dos bovinos muito tardias; baixas taxas de natalidade; falta de massificação da tipificação de carcaças; lentidão na execução de programas de erradicação da febre aftosa; falta de união e organização do setor como um todo; pouca rentabilidade econômica; mercado não-explorado adequadamente e muito mais.

P — E a solução?

R — Com poucas palavras, assumidas e exercitadas, se resolveriam quase todos os problemas: mudança de mentalidade. Mas nem tudo está perdido, como um clima de terra arrasada. Temos ilhas de progresso se formando, germinando, crescendo e frutificando.

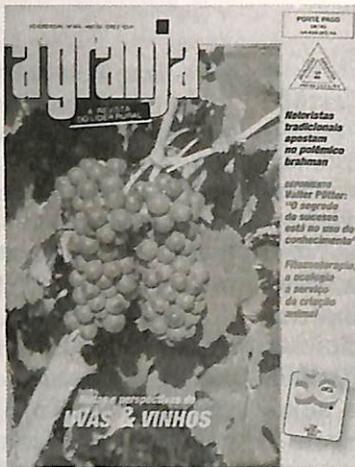
P — Como era no passado e o que ocorre hoje em dia?

R — Há 20 anos, o engorde de novilhos até dois anos de idade era mostrado apenas em estações experimentais. Atualmente, 20% do abate em municípios gaúchos, como Bagé e Dom Pedrito, é de animais com essa idade. Além disso, temos alguns produtores com sistema de produção dos ventres com parição aos dois anos de idade, outros aos três anos. Cerca de 700.000 bovinos são confinados no Brasil, com cruzamentos dirigidos em franca expansão, aproveitando a explosão da heterose. A silagem vem sendo melhor adotada na pecuária; agroconsultores estão trabalhando no campo, e outros tantos exemplos concretos de evolução.

P — O que pode ser dito em relação à pecuária brasileira com vistas ao amanhã?

R — O futuro da pecuária depende da velocidade de mudanças de mentalidade das pessoas, do nível de organização e da adoção de tecnologias disponíveis. Caso se chegue lá, transformaremos essa atividade na número um do agro, como nos Estados Unidos, com um faturamento de US\$ 20 bilhões/ano no Brasil, e não somente os US\$ 5 bilhões atuais. Concluindo, eu diria que temos o futuro em nossas mãos. 

Para mostrar aos leitores o panorama atual da produção de uvas e vinhos do Brasil, a equipe de reportagem de A Granja esteve na serra gaúcha, principal região vitivinícola do País, entrevistando colonos, pesquisadores e empresários do setor

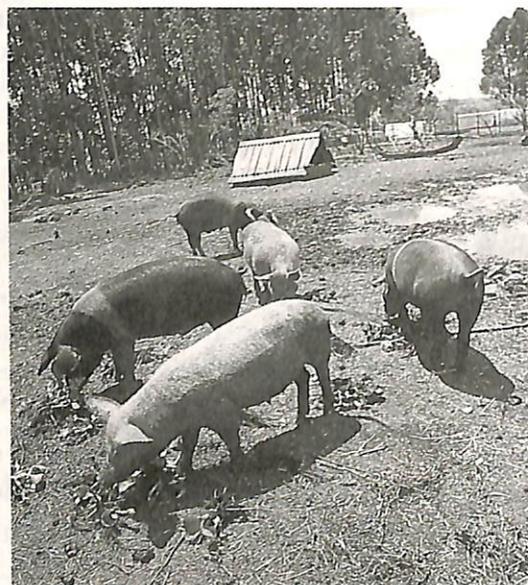


19 Arroz: plantio direto faz 10 anos



22 Brahman norte-americano invade terra do nelore

12 Uvas & vinhos: vitivinicultor adota diversificação



30 Fitozooterapia inova criação animal

37 Cresce consumo de chás medicinais

SEÇÕES

- Aconteceu 7
- Caixa Postal 2890 8
- Aqui Está a Solução 9
- Eduardo Almeida Reis 10
- Porteira Aberta 11
- Flash 40
- Agribusiness 41
- Hortas e Pomares 42
- Mundo da Lavoura 43
- Mundo da Criação 44
- A Granja Leilões 45
- Escolha seu Trator 46
- Novidades no Mercado 48
- Ponto de Vista 50



Diretor-presidente:
Hugo Hoffmann
Diretora comercial:
Leoni Zaveruska



A REVISTA DO LÍDER RURAL

GERÊNCIA

Eduardo Hoffmann.

REDAÇÃO

Luis Eduardo Bona (editor), Luiz Fernando Boaz (repórter), Iara Salin Gonçalves (revisão), Anelise T. Alta (secretária). Colaboradores: Décio P. de Godoy, Luiz Fernando Lemmert e Milton Dória.

COMPOSIÇÃO

Renato Fachel (supervisor), Paulo Nobre (composição).

CIRCULAÇÃO

Antônio Correa Martins (supervisor de assinaturas), Amália Severino Bueno (coordenadora).

PUBLICIDADE

Contato: Ângela Conrad.

SUCURSAL DE SÃO PAULO

Praça da República, 473, 10º andar, conj. 102, fone (011) 220-0488, telex (11) 31567, fax (011) 220-0686, CEP 01045-001, São Paulo/SP. Gerente: Alexandre Ortiz. Contato: Moacyr Francisco Caralli.

Representantes/Publicidade

PARANÁ - DPC - Direção de Produção e Comercialização de Publicidade Ltda., Av. Cândido de Abreu, 427, conj. 306, fone (041) 253-3137, fax (041) 244-3346, CEP 80530-000, Curitiba/PR; RIO DE JANEIRO - Lobato Propaganda e Marketing Ltda., Rua Siqueira Campos, 43, 8º andar, conj. 834, fone (021)

256-8724, CEP 22031-070, Rio de Janeiro/RJ; MINAS GERAIS - José Maria Neves - Av. do Contorno, 8.000 conj. 1.107, fone (031) 291-7008, CEP 30110-120, Belo Horizonte/MG; DISTRITO FEDERAL - OBN - Organização Brasileira de Notícias, SDS Lote T8, Bloco M, Ed. Cine Venâncio Jr., 1º e 2º subsolos, telex (61) 2260, fone (061) 225-6248 e 225-5934, CEP 70394-900, Brasília/DF.

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus Ltda., registrada no DCDP sob nº 088, p.209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição: Av. Getúlio Vargas, 1556 e 1558, fone (051) 233-1822, telex (51) 2333, fax (051) 233-2456, Cx. Postal 2890. CEP 90150-004, Porto Alegre/RS. Exemplar atrasado: CR\$ 2.200,00.

Inflação não é AIDS

A inflação não é como a AIDS. Afinal, sabe-se como combatê-la. Mas, cadê coragem política? Mesmo porque, há muitos anos, o mecanismo da correção monetária foi implantado como provisório e, semelhante a todos os provisórios do Brasil, acabou sendo empurrado de barriga, virando peça permanente do nosso cotidiano.

Todos sabem que, hoje, para a gente se livrar dessa droga, no primeiro momento vai ser uma barra para todos. E muito poucos estão dispostos a abrir mão da anestesia, para uma operação administrada, talvez, por mãos inábeis.

De qualquer maneira, não dá para esticar mais a corda.

No entanto, a sociedade como um todo ainda não acordou e sequer despontou para um movimento forte, profundo e de indignação contra o gerador desse fenômeno permanente, que limita e estressa a atividade produtiva.

Como administrar uma atividade pessoal, familiar ou empresarial, com a presença diária de um parceiro que corrói nossa ação, nossas energias, nossa vida?

Acusam-se o fazendeiro, os preços agrícolas, o banqueiro, (70% das finanças são controladas pelos bancos oficiais) o comerciante, o industrial, de agentes especuladores. Mas qualquer inteligência mediana sabe que a inflação tem um único fato gerador: a ação governamental.

Safra de verão

Pode-se antecipar como bastante promissora a safra agrícola de

grãos em termos de comercialização, para o setor produtivo. Quantificá-la em termos de números **A Granja** não fará. Simplesmente, porque, nesta altura da pré-colheita, trata-se tão apenas de um exercício de adivinhação. Aliás, não é de hoje que somos repetitivos em dizer que qualquer número quantitativo ou índice de volume de produção, área produtiva ou produtividade é chute. O número será aquele que atender às conveniências oficiais do momento. Faça a prova e pergunte ao presidente da ARCO (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos) qual a população ovina do Brasil. Na ponta da língua, ele vai fornecer os números correspondentes aos rebanhos australiano, neozelandez, argentino. E, quando chegar a vez do brasileiro, a língua vai dar um nó, pois, a discussão é em torno de milhões de cabeças para mais e para menos. Imagina-se que contar carneirinhos e bem mais simples do que quantificar grãos. Então, é fácil concluir que nossas estatísticas, além de atrasadas, são e serão, por muito tempo, absolutamente furadas.

A CPI do endividamento empacou mais que jogue nordestino

É uma vergonha. Mas a CPI do endividamento há meses não consegue sequer quórum. Parece que existe um conluio entre bancos, governo, deputados, e mesmo dos produtores rurais, que não fazem um movimento prá valer, inclusive de

corpo a corpo, junto aos deputados, lá no Congresso, onde deveriam acontecer as coisas, para desatar definitivamente o nó das dívidas. Afinal, aparentemente há o consenso de que, realmente, o governo garfeou, sobretudo os arroteiros, com índices mal calculados e sobrepostos, através dos diversos planos, Verão, Collor e quejandos. É também consensual que os produtores rurais, como qualquer contribuinte, devem pagar, sem privilégios, o que devem. O que não devem é pagar o excesso, que o governo, por meio dos bancos oficiais, quer enfiar goela abaixo.

Se o problema é apenas aplicar a matemática aos números, então, definitivamente, não dá para entender a falta de atenção e aplicação dos deputados em resolver algo cuja demora só traz insegurança a todos.

Falta ação política

O segmento agrícola até que tem a bancada rural no Congresso. Além da bancada rural, existem os formadores de opinião tipo Delfim Neto, que, nos últimos anos, vêm se comportando como verdadeiros arautos das reivindicações do campo. No entanto, não há articulação. O resultado é um elefante: ele tem força, mas não a exerce porque não sabe disso. Quanto irado, parte para a reivindicação emocional.

As eleições estão aí. A nova Constituinte também. É urgente, é necessário, é absolutamente importante que as lideranças rurais despertem e se unam. Afinal, o voto está nas cidades e, cada vez mais, a maneira urbana de ver e praticar as coisas será representada através da visão e da ação de deputados sem nenhum vínculo ou conhecimento das coisas da terra.

Há que se preocupar já com esse perfil. Há que se mexer.

E com urgência. 

Aprendizado constante

“Para assegurar o pleno desempenho de seus equipamentos e garantir melhor produtividade nas épocas de plantio e colheita, a SLC — Indústria e Comércio treinou, em 93, mais de 4.700 operadores, entre clientes, agrônomos e técnicos agrícolas.

Nessa mesma linha, para proporcionar um atendimento de assistência técnica rápido, eficiente e econômico aos clientes, a empresa ofereceu orientação especializada e possibilitou reciclagem para outros 600 profissionais da sua rede de concessionários.”

Leonildo Bartholdy
Horizontina/RS

Informação séria

“Quero cumprimentar a revista **A Granja** e seus profissionais pelo excelente desempenho no ano de 1993, levando a nós, produtores e técnicos do ramo agropecuário, informações precisas e atuais da situação do setor primário em todo o País.

Que, em 1994, as dificuldades e desafios inerentes ao trabalho do campo, de criação e lavouras se transformem em vitórias e novas perspectivas para todos nós.”

Eng. agr. Rodrigo H. Thomé
Tombos/MG

Apoio à Farsul

“Em relação à matéria ‘Os inimigos da telinha’, publicada na edição de dezembro da revista **A Granja**, gostaria de corrigir algumas declarações contidas no texto. Desta forma, pretendo esclarecer totalmente o que ocorreu tendo em vista a atitude tomada pela Farsul, já que sou pecuarista e trabalho com leilão de gado há 30 anos, conhecendo bem esse setor.

1º. A Farsul posicionou-se contra esse método, em defesa dos criadores, pois eles às vezes são iludidos. Por

exemplo, no remate do Telão realizado em Santa Maria, no dia 1º de outubro/93, houve a defesa de um grande lote de bois, posto à venda por um pecuarista da região de São Francisco de Assis. Esse fato foi confirmado pelo criador e por um dos organizadores, apesar do resultado do remate ter dado o lote como vendido.

2º. Se existem leiloeiros antigos, que foram chamados de “macacos velhos”, é porque envelheceram fazendo as coisas corretas, ou seja, falando nos galhos certos.

3º. Quanto à venda de cavalos por Telão, é importante salientar que a situação é diferente, pois os animais PSI, por exemplo, possuem registro (resenha), sendo, portanto, identificados com ‘carteira de identidade’. Isso não ocorre nos leilões de gado geral.

4º. O mais importante, no entanto, é que quem compra através da tela, isto é, sem o gado presente e com defesa do vendedor, enfrenta uma concorrência desvantajosa, visto que o vendedor não tem custos de frete, caminhão e outras despesas.”

Pedro Paulo Gonçalves
Rosário do Sul/RS

Ganho de peso

“Sou assinante e grande apreciador da revista **A Granja**. Assim, resolvi escrever para esta seção a título de colaboração. Formado em agronomia, fui presidente da Associação Brasileira de Criadores de Canchim (ABCCAN) e hoje dirijo o conselho

técnico da entidade. Nessa condição, gostaria que se tornasse do conhecimento dos leitores como é executada a prova de ganho de peso promovida pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, bem como o quadro com as performances das várias raças.

A prova de ganho de peso é anual, sendo realizada pelo Instituto de Zootecnia de Sertãozinho, na região de Ribeirão Preto. Os bezerros participantes nascem em agosto, setembro ou outubro, e entram em abril do ano seguinte. Eles são submetidos à mesma alimentação em regime de confinamento. A avaliação ocorre no mês de outubro, sendo que a partir do peso inicial e final são conhecidos os melhores ganhadores de peso.

A alimentação durante a experiência é fornecida no cocho e sua base constitui-se de feno, rolão de milho, farelo de soja, algodão e minerais. Os itens observados no certame são os seguintes:

- * ganho de peso médio da raça em 112 dias;
- * peso médio ajustado para 378 dias;
- * peso médio de animais de leite ajustado para 378 dias;
- * raça com maior peso ajustado no final; e
- * animal de elite com maior ganho de peso diário, média de 112 dias.

Os resultados da última prova, no final do ano passado, constam no quadro dos desempenhos.”

Francisco J. da Silveira
Presidente Prudente/SP

RAÇA	G 112 - MÉDIO gramas/dia		P 378 MÉDIO gramas		P EL MÉDIO gramas		MAIOR PESO gramas		MAIOR GANHO gramas/dia			
GIR	8º	586	59,8%	8º	243,69	60,8	8º	280,30	62,6%	8º	786	59,5%
GUZERÁ	7º	772	78,7%	7º	304,33	75,9%	7º	350,99	78,4%	6º	1027	77,7%
NELORE	6º	777	79,2%	6º	310,57	77,4%	6º	360,91	80,7%	5º	1125	85,1%
CANCHIM	1º	980	100%	1º	400,83	100%	1º	447,23	100%	1º	1304	98,7%
STA. GER.	2º	945	96,4%	2º	382,77	95,4%	3º	429,79	96,1%	4º	1143	86,5%
CARACU	5º	830	84,6%	5º	333,48	83,2%	4º	403,46	90,2%	3º	1161	87,8%
BRANGUS	4º	860	87,7%	4º	343,30	85,6%	5º	372,62	83,3%	7º	1045	79,1%
SIMENTAL	2º	945	96,4%	3º	365,20	91,1%	2º	431,34	96,4%	2º	1321	100%

G 112 - MÉDIO = Ganho de peso médio da raça em 112 dias
P 378 MÉDIO = Peso médio ajustado da raça para 378 dias
P EL MÉDIO = Peso médio de animais elite ajustado para 378 dias
MAIOR PESO = Animal da raça com maior peso ajustado final
MAIOR GANHO = Animal elite com maior ganho de peso diário média de 112 dias



Confinamento ovino

“Necessito de algumas informações sobre confinamento de ovelhas, tais como:

- a) Qual a área ideal para o confinamento?
- b) Qual a área externa ao galpão, onde serão confinados os cordeiros? Existe uma proporcionalidade ao número de animais nesse sistema?
- c) As ovelhas podem ser mantidas somente a galpão? E os cordeiros?”

Italo Marcon
Getúlio Vargas/RS

R — O professor Edson Ramos de Siqueira, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Unesp, de Botucatu/SP, responde às suas perguntas e afirma que, no Brasil, pode-se considerar 1m² de área livre por animal confinado.

Não é necessário dispor de área externa ao galpão de confinamento. Considerando-se que uma das razões da recria e terminação com esta prática é evitar altas infestações parasitárias, é inconveniente também que os animais tenham acesso a piquetes de exercício. A contaminação dos cordeiros ocorre pela ingestão de larvas infestantes presentes na pastagem.

As ovelhas não devem ser confinadas, pois elevaria bastante o custo de produção. Elas permanecem sempre no pasto, e apenas os cordeiros vão para o confinamento logo após a desmama, tanto machos como fêmeas.

Após cerca de 90 dias, os machos são abatidos, e as fêmeas de reposição voltam ao pasto, com seu sistema imunitário mais desenvolvido, tendo maiores condições de enfrentar o desafio imposto pelas larvas dos endoparasitas.

É possível, sim, confinar cordeiros somente a galpão por um período médio de 90 dias, tempo suficiente à terminação para o abate.

Vermicultura

“Ao ler, com grande interesse, a revista **A Granja** chamou-me a atenção a reportagem sobre minhocultura (vermicultura), veiculada na edição de julho/93, de nº 537.

Gostaria de obter maiores informações sobre essa cultura, e caso possam fornecer-me detalhes ficarei grato. Por outro lado, gostaria de que me fornecessem algum endereço, no qual possa encontrar as indicações que procuro.”

Francisco José Maciel
Guarapuava/PR

R — As informações solicitadas podem ser obtidas junto à professora Christa Freia Ute Knäpper, coordenadora do Laboratório de Edafologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Basta ligar para (051) 592-0333, ramal 1270, fax 592-1035, de segunda à sexta-feira, no horário das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min. Se preferir, escreva para o seguinte endereço: Av. Unisi-

nos, 950, Bairro Cristo Rei, CEP 93022-000, São Leopoldo/RS.

O abate de cordeiro

“Tenho uma pequena propriedade onde crio ovinos. Assim, gostaria de saber a forma correta para abater estes animais.”

Egídio Engers
Campo Grande/MS

R — Segundo Odila Rubin de Vasconcelos, extensionista da Emater de Butiá/RS, o abate de ovinos deve seguir os seguintes procedimentos:

1. Deixar o animal em repouso seis horas antes da sangria;
2. Suspender o animal a uma altura adequada e fazer a sangria na veia jugular, artéria aorta;
3. Recolher o sangue e observar a micção durante o processo;
4. Retirar o pelego, cuidando para não deixar a lâ encostar na carne;
5. Durante a evisceração, examinar o fígado, a fim de constatar a existência ou não do verme causador da hidatidose;
6. Identificação e retirada de gânglios linfáticos, que estão junto às vísceras e na parte interna do pernil e da paleta;
7. Após todas essas etapas, é importante deixar a carcaça resfriar durante doze horas no verão ou seis horas no inverno, para que haja a completa maturação da carne. A partir daí, a carcaça está pronta para ser separada em cortes.

Abraco em São Paulo

“A Fundação do Núcleo de Criadores de Terneiros de São Sepé/RS deseja receber os endereços das Associações de Confinadores de Bovinos do Centro-Sul do Brasil para futuros contatos.”

Rony da Silva Rohde
São Sepé/RS

R — A Associação Brasileira de Confinadores (Abraco) funciona como entidade nacional, não havendo, no momento, nenhum organismo regional. O endereço para contato é o seguinte: Av. Francisco Matarazzo, 455, CEP 05001-3000, São Paulo/SP, fone (011) 285-1543 ou 289-5383.

Impeachment da motosserra

Operador de motosserra, filho de carvoeiro, neto de serrador de dormentes, bisneto e tetraneto de machadeiros — o compadre não pode ver árvore em pé, que não pense em bobagem. Pela sua ótica, árvore no chão é sinônimo de riqueza, representada pelos metros cúbicos de madeira, pelos galhos que dão lenha, pelo feijãozinho que vai ser plantado no “terreno fresco” da derrubada.

Costumo respeitar opiniões alheias, mas é forçoso reconhecer que, com aqueles antecedentes, o compadre e sua motosserra poderiam transformar-se num perigo, para o que resta da Mata Atlântica em nossa região. Diante disso, votei pelo *impeachment* do equipamento motorizado.

Sofrimento, mesmo, foi do tal avô, tirando dormentes para a Leopoldina Railway. As toras de madeira, puxadas por três ou quatro juntas de bois, iam para o estaleiro, trapizonga parecida com um andaime, onde eram traçadas à mão. A empreitada correspondia a uma sauna de 10 ou 12 horas, fazendo força! Não é como estas saunas de 10 minutos, em que o sujeito fica deitado, sonhando com as caipirinhas que vai tomar quando sair dali.

Dizem os médicos da FAO (ou seriam os da OMS?), num estudo que li há muito tempo, que aquele é o pior dos serviços tropicais. Manejando o traçador, um homem pode perder por dia até 11 litros de água. Deve ser por isso que os “copos” dos serradores são feitos de latas velhas de óleos lubrificantes. Quanto toma água, o sujeito entorna três ou quatro “copos”, isto é, três ou quatro litros de cada vez.

Penso que a expressão “serrar de cima”, como sinônimo de estar numa situação vantajosa, vem dos estaleiros, onde os sujeitos que serram de baixo ainda são obrigados a respirar o pó da serragem. Há madeiras que catingam. E outras que são irritantes,

como o anjelim amargoso. Um simples caibro de anjelim amargoso, serrado, já nos faz chorar, espirrar e tossir. Que dizer, então de uma tora imensa, transformada em dormentes ou em pranchões pelo sujeito que serra de baixo?

Sem motosserra, o compadre conta com as intempéries, para ver uma porção de árvores no chão. Há pouco, no final do ano, São Pedro atendeu aos seus pedidos e nos mandou um temporal de meter medo. Temporal, trovoadas, vendaval, aguaceiro perfeitamente dispensáveis. E a primeira providência da luz foi apagar, justo quando eu queria ver pela TV o plano de Fernando Henrique, apesar de implicar com o FHC usado pela mídia, pois me parece nome de defensivo agrícola.

Havia cachoeiras pela casa inteira, quando o compadre pintou no pedaço, de capa de chuva, todo satisfeito: “Só da ponte para cá, o vento derrubou quatro árvores. E aquele papagaio, lá em frente da minha casa, também atravessou na estrada. Tem um carro buzinando, com o povo gritando que não consegue varar”.

Perguntei-lhe se havia ajudado a cortar a árvore caída, e ele me olhou como se eu tivesse dito um indecência: manejar o machado debaixo de chuva, para liberar o trânsito numa estrada pública, mesmo se considerar-

mos que a árvore era nossa, estava fora das cogitações do compadre. Se ainda tivesse a motosserra...

Somos todos egoístas, di-lo o biólogo Stephen Gould. Parece que Freud também constatou que o processo civilizatório é doloroso para o homem, por contrariar nossa maldade intrínseca. Sempre que temos oportunidade, exercitamos nossa crueldade. Carandiru, Bósnia-Herzegovina, Somália, norte do Iraque, o mundo inteiro não me deixa mentir.

Daí, talvez, a explicação para o fato de os compadres, todos os compadres, do Brasil inteiro, curtirem qualquer tipo de serviço de “destruição”. É de ver-se a alegria com que cumprem a ordem de derrubar um rancho, uma árvore, ou tocar um foguinho naquele pastinho meio sujinho, para ajudar na rebrota.

Ordens “construtivas”, do tipo levantar um rancho, plantar uma árvore ou evitar o fogo no tal pastinho sujinho, não são cumpridas com 10% da boa vontade apresentada quando se trata de derrubar qualquer coisa.

Daí o tratamento dado pelo bom compadre ao problema do papagaio *Aegiphila sellowiana Cham.* Se fosse para derrubar a verbenacea, ele o faria com a maior satisfação, mesmo sem a motosserra. Mas como era um serviço construtivo, isto é, a desobstrução de uma estrada, para permitir o trânsito e a circulação de riquezas (ou de pobres, como acontece aqui na minha região), o excelente funcionário julgava que a tarefa não lhe dizia respeito.

Nesse terreno, os empreiteiros das derrubadas de matas nas fronteiras agrícolas devem levar uma tremenda vantagem, porque trabalham com turmas cheias de boa vontade, 50, 100, 200 homens exercitando o dia inteiro, sob um sol de rachar, atropelados por todas as abelhas do universo, aquilo de que mais gostam: conjugar o verbo destruir. 🗑️



JPX dá show

Um show de eficiência e profissionalismo foi a apresentação do jipe JPX, junto à própria indústria, em Pouso Alegre/MG. Sessenta jornalistas de todo o Brasil foram convidados a visitar as novas instalações industriais, participar do lançamento e fazer pessoalmente o "test-drive" na pista de provas. Eike Batista, presidente com credencial de ex-campeão mundial de "off-shore", diz que pesquisou durante três anos, em todo mundo, e encontrou no Auverland, carro de combate do exército francês, a resposta que procurava. Adaptou-o às condições brasileiras e assim nasceu o JPX, com motor Renault diesel e design renovado. O prédio e a linha de montagem da fábrica foram construídos em nove meses. Inicialmente, a produção está planejada para um objetivo de 1.200 veículos/ano.

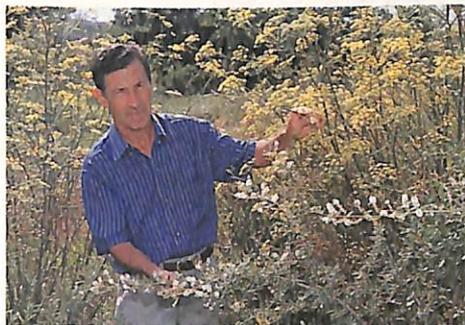
De olho nas ervas

Que o Brasil é uma fonte de riquezas naturais não é novidade. Fonte de pau-brasil, açúcar e café para o mundo, com a onda naturalista corre o risco de viver um novo ciclo: o ciclo das ervas medicinais. Piada? Não é o que acha o agrônomo da Estação Experimental da Ipagro-Cientec Luiz Osório de Castro. Localizada na cidade de Viamão/RS, a estação possui mais de 200 espécies de ervas medicinais, para pesquisa, entre nativas e exóticas.

Osório explica que o maior proble-

ma é a carência de troca de informações. Recentemente, em janeiro, dois pesquisadores alemães estiveram por lá perguntando tudo sobre marcela, sabugueiro e outros chás de origem indígena. Depois das explicações teóricas, passaram nos sítios dos arredores e levaram algumas mudinhas. E o que o Brasil ganha com a situação, uma vez que as informações não retornam e inexistem qualquer regulamentação quanto à exploração de ervas nativas?

Enquanto isso, Osório e sua equipe trabalham duro e sem condições. Dentro dessa tônica, se sucederam os ciclos, caracterizando-se pela exploração, e pelo jeito, até a nossa tecnologia vai acabar entrando no baile.



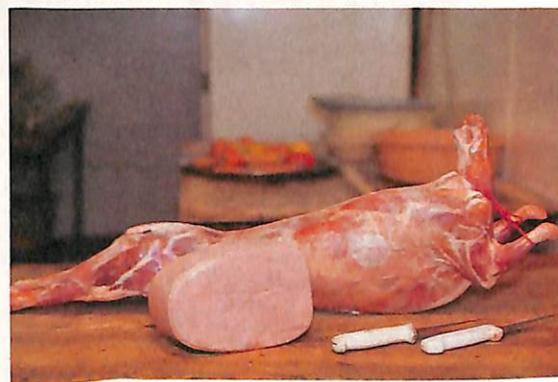
Amora paga bem

Atenção, agricultor que anda desiludido com os preços baixos pagos pela sua produção, que sequer chegam a cobrir parte dos custos. Aí vai um recado de Ismar Scussel, dire-



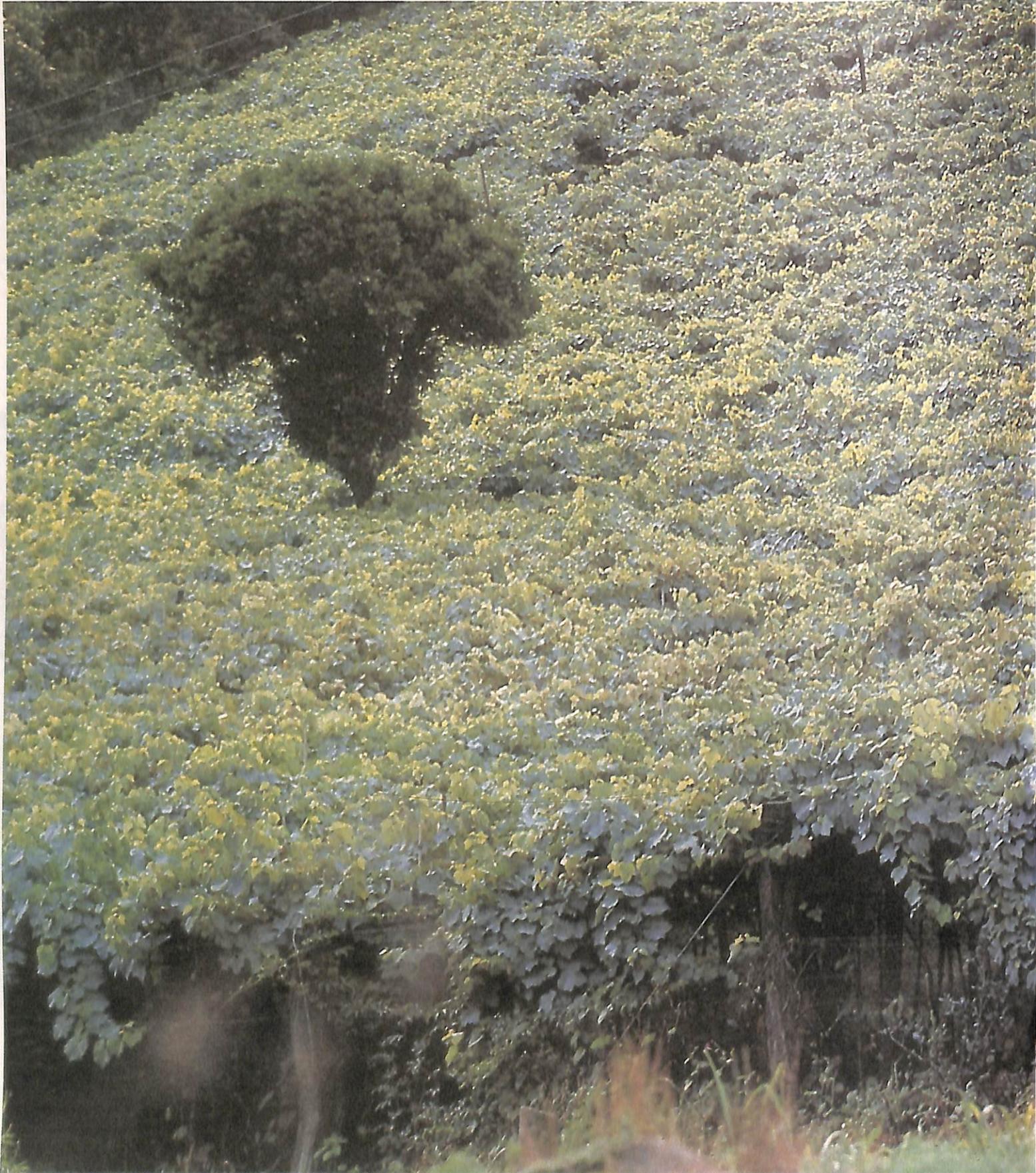
tor-presidente da Tecnovin do Brasil, uma das principais indústrias no País, produzindo sucos concentrados de uva e maçã, e, em menor escala, laranja e limão. Essa indústria, com fábricas em Farroupilha e Flores da Cunha/RS e em Videira/SC, está interessada em comprar todo e qualquer volume produzido de amora, cujo suco e geléia são bastante apreciados no exterior. O pagamento é de US\$ 0,40 por quilo (cinco vezes mais do que a uva). Quem sabe não está aí uma bela chance de melhorar a receita da pequena propriedade!

Presunto ovino



Cada dia que passa surge uma novidade no reino da diversificação dos ovinos, onde, progressivamente, tudo se aproveita. A história começou com a lã, depois foram a carne e o leite, e, mais recentemente, a pele, que transformou-se em belíssimas peças de vestuário. Agora, chega a vez do presunto de ovelha. A idéia surgiu no Centro de Pesquisa Agropecuária dos Campos Sul-Brasileiros (CPPSUL), da Embrapa, em Bagé/RS, em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria e produtores de ovinos-carne. Na verdade, essa é uma nova opção ao alcance do consumidor e uma alternativa a mais de renda para o ovinocultor, que vai utilizar apenas os animais de descarte, até então cotados muito abaixo dos valores de mercado. Se o consumidor aprovar, tem tudo para dar certo.

UVAS & VINHOS





Videira, uma cultura secular

O cultivo de videiras visando a elaboração do vinho remonta à mais alta antiguidade. No Brasil, a atividade foi incrementada no final do século passado pelos italianos que colonizaram a região serrana do RS. Hoje, no entanto, os colonos enfrentam problemas para dar continuidade à tradição de seus antepassados

Luiz Fernando Boaz

Desde a época das primeiras expedições portuguesas ao Brasil, a partir de 1500, vinhos da Ilha da Madeira já tinham lugar assegurado na cantina das caravelas. Bebida nobre, conquistou espaço crescente à medida que as colônias e o desenvolvimento se expandiam. O marco definitivo dessa evolução aconteceu com a chegada dos imigrantes italianos, no século passado, que só aceitavam ficar longe da Itália caso pudessem buscar consolo em um bom cálice de vinho.

Esses colonos encontraram na serra gaúcha as condições ideais para continuar, em terras distantes, a arte de cultivar videiras, já que esse dom, concedido por Baco, deus do vinho, não é para qualquer um. Assim, ainda

Foto: Luiz Fernando Lemmert

O descontentamento tem levado à redução da área com parreirais e à busca de outras fontes de renda

hoje, municípios como Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Garibaldi, Farroupilha, Flores da Cunha, entre outros, se destacam em todo País como pólos produtores de uva, vinho e suco.

A indústria cedo reconheceu esse potencial e logo se instalou na região. Com ela vieram novas tecnologias, e o vinho jorrou como água. Por outro lado, a remuneração paga ao produtor, se em outros tempos permitia tocar a atividade, nos últimos anos tem obrigado muita gente a repensar a posição da cultura como carro-chefe de uma pequena propriedade rural, uma vez que exige uma série de cuidados. Quando chega o momento de entregar a safra, os valores não ultrapassam US\$ 0,10 o quilo, enquanto a implantação de uma parreiral com apenas 4 hectares não sai por menos de US\$ 10 mil, sendo que os primeiros frutos só virão após três anos.

Por outro lado, a agroindústria não pode ser responsabilizada pela situação ruim que atravessa o produtor, pois, bem ou mal, é em função dela que se justifica parte da prosperidade e dos empregos gerados pela uva nas regiões de produção. O descontentamento tem levado à redução da área com parreirais ou, mesmo, a apostar numa diversificação, buscando meios de não ficar atrelado a uma única fonte de renda.

Dentro dessa perspectiva, para não acabar de vez com os vinhedos, a saída tem sido o plantio de outras fruteiras (pêssego, kiwi, maçã), a criação de aves, suínos ou a produção de leite. Os mais tradicionais cultivadores têm sido obrigados a produzir quantidade, isto é, peso ou volume, para, desta forma, conseguir, pelo menos, ir respirando, com alguns *cents* a mais. Só que, assim procedendo, a imprescindível qualidade fica de lado, e o bom e apreciado vinho pode se transformar em vinagre para os colonos.

Os gastos com fitossanidade representam 30% do custo de produção

Tecnologia de primeira — Há bem pouco tempo, uma moléstia denominada virose do enrolamento da



Destino da safra: em média, 66% é utilizada na elaboração de vinhos, 5,5%, na produção de suco, e 28,5%, no consumo "in natura"

folha afetava a maioria dos parreirais de viníferas do Rio Grande do Sul, provocando fortes prejuízos ao setor. A solução para o controle das enfermidades e o aprimoramento de novas tecnologias só veio a partir de 1975, com a criação da Unidade de Execução de Pesquisa, da Embrapa, com âmbito estadual, em Bento Gonçalves, tendo como objetivo maior sustentar a vitivinicultura. Dez anos depois nascia o Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (CNPUV), localizado em Bento Gonçalves, numa área com 124 hectares, e contando com 130 funcionários, entre os quais 20 pesquisadores com cursos de mestrado e doutorado no País e no exterior.

A interação entre o pesquisador do CNPUV e o produtor de uva, vinho e fruteiras de clima temperado faz parte do trabalho do agrônomo Sadi Manfredini, da Embrapa, o qual consiste em promover a difusão de toda a tecnologia gerada naquela unidade. Esse atendimento é levado ao usuário de várias formas, como, por exemplo,

através da publicação de artigos técnicos e trabalhos, como os da série Embrapa.

Durante a década de 70 e boa parte da seguinte, conta Manfredini, foi observado um incremento no cultivo de videiras européias, as chamadas uvas viníferas, que por natureza são sensíveis à diversidade climática e, portanto, apresentam um custo de produção relativamente elevado. Só com fitossanidade, o agricultor gasta 30%. A partir de 85, houve uma estabilização, que durou até os anos 90, período onde se constataram alterações. As européias ficaram estagnadas, ao contrário das rústicas, igualmente conhecidas como americanas ou comuns. Estas, voltadas ao fabrico de sucos e concentrados, se expandiram, tanto em área plantada como em produtividade, variando de 18t a 22t/ha em média, especialmente as híbridas. As européias ficam entre 17t e 19t/ha.

Investimento — Ao interessado em implantar um vinhedo que busca orientação junto ao CNPUV, em primeiro lugar são colocadas todas as al-

ternativas disponíveis de variedades, informa Manfredini. Em seguida, são analisadas as condições do microclima do local onde serão implantados os parreirais, pois só assim será possível a união destes dois fatores (objetivo da produção e microclima). O retorno surge a partir do quinto ano, avisa o agrônomo, para quem estiver voltado à vinificação. No caso da uva de mesa, os resultados são mais rápidos.

Em geral, nos primeiros três anos só há despesas; em seguida, inicia o ciclo produtivo, com 20% no terceiro ano; 50% no quarto; e, no quinto, começa a plenitude, que vai se manter até o décimo-quinto. Após esse período, ocorre um processo de queda de produtividade do vinhedo, que se estende até o 35º ano. “A produção de uva de mesa é mais rentável, entre oito a nove vezes mais do que a destinada para a agroindústria. Em seguida, vêm as uvas finas de mesa e depois a fruta como matéria-prima para suco ou vinhos comuns”, destaca Manfredini.



Sadi Manfredini: o técnico da Embrapa é responsável pela transferência de tecnologia gerada na entidade

Há uma demanda crescente de suco de uva no mercado externo

Tendência — Aproximadamente 90% da produção de vinhos no Brasil é gerada na zona de colonização italiana, estando na serra gaúcha o grande pólo nacional, com 66% da área com vinhedos. Na década de 70, houve um programa instituído pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento/RS, no sentido de que todos os novos plantios fossem voltados à produ-

ção de uvas viníferas, chegando a 95% dos parreirais.

“Sem medo de errar” arrisca Manfredini, “a grande tendência para a viticultura, no momento, até mesmo frente ao Mercosul, é a implantação de vinhedos para a produção de matéria-prima para a agroindústria de sucos, os quais têm grande aceitação no mercado internacional. As estatísticas demonstram um crescimento expressivo, e, diga-se de passagem, o Brasil, particularmente o Rio Grande do Sul, pelas condições de clima e tradição dos imigrantes italianos, e a América Central e a Costa Leste dos EUA são os únicos três pólos de produção de uva que têm variedades americanas, cuja característica insuperável, em relação aos demais grupos, é a aptidão para a elaboração de sucos.”

O pesquisador acrescenta que própria Argentina apresenta uma área entre quatro e cinco vezes maior do que a brasileira, porém é uma viticultura praticada, toda ela, em cima de videiras européias, ou seja, que produzem uvas finas sensíveis e de custos eleva-



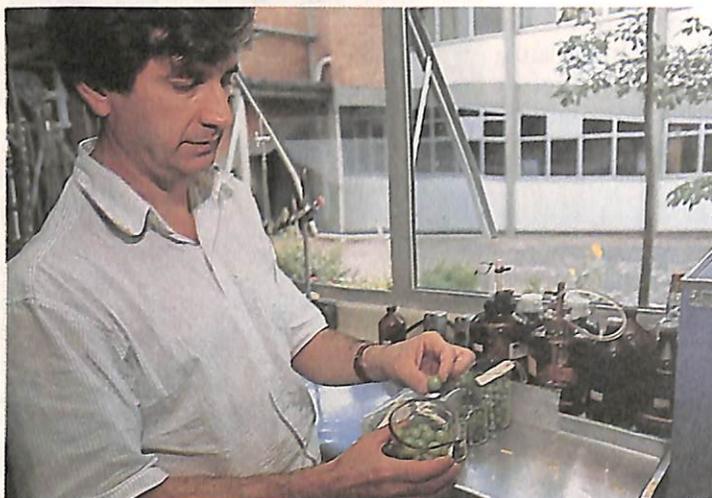
Lejon. A opção pelo prazer.

dos. Estudos em nível mundial indicam o incremento no consumo de sucos naturais de uva, onde o grupo americano guarda o aroma e o gosto primários, identificados pelo consumidor com a fruta, fator singular que não acontece com as européias. "O consumidor, hoje, exige a autenticidade do produto natural, sendo a laranja o grande competidor", sintetiza Manfredini.

"O que falta mesmo é maior remuneração para a uva de qualidade"

Identidade — O maior conhecimento da composição química do vinho, principalmente para caracterizá-lo em relação à sua origem geográfica, cultivar e tratos culturais aplicados na videira, faz parte do dia-a-dia de Luiz Antenor Rizzon, engenheiro-agrônomo e pesquisador do CNPUV, que há 15 anos trabalha na área de enologia. Para ele, o vinho é importante justamente por causa dessa identidade. Porém, no momento em que for separado dos fatores citados, acaba o interesse técnico-científico, deixando de ser uma bebida nobre.

Segundo Rizzon, um dos grandes problemas é que o produtor está muito defasado. Ele produz a uva, e quem vai elaborar o vinho é o enólogo. Essas duas ciências deveriam se aproximar mais. Pois, explica o agrônomo, o agricultor tem que produzir bastante para ganhar, visto que a uva é remunerada pelo grau de açúcar e pelo peso, a própria indústria



Luiz Rizzon: através da análise laboratorial, o agrônomo avalia a evolução do grau de acidez e açúcar da uva

não remunerando o suficiente em termos de qualidade. "É um problema grave, pois é impossível fazer um vinho bom sem uva adequada. Certa-

mente, existem os agricultores mais desenvolvidos, com condições de produzir as viníferas, que exigem maior conhecimento, porém o que falta mesmo é remuneração maior para a uva de qualidade."

Por outro lado, assegura Rizzon, também há a necessidade de a pesquisa mostrar e justificar que a uva de melhor qualidade

proporciona um vinho igualmente de primeira. Contudo nem sempre as safras boas (o que ocorre quando não há excesso de chuvas, a maturação ocorre em clima praticamente seco, com boa relação acidez-açúcar) é que dão os melhores vinhos. "No caso de uma boa safra, também são necessários alguns cuidados na tecnologia, como colher a uva na época certa, bem como na sanidade, já que, para resultar em um bom vinho, a fruta precisa ser sã."

Faculdade —

Em 1959, era criada a Escola Agrotécnica Federal Presidente Juscelino Kubitschek, em Bento Gonçalves, tendo como principal tarefa valorizar e aperfeiçoar o trabalho dos imigrantes, em enologia e agropecuária. O professor de Viticultura Idalencio Francisco Anghben praticamente vem ensinando na escola desde a sua fundação, fazendo com que os alunos

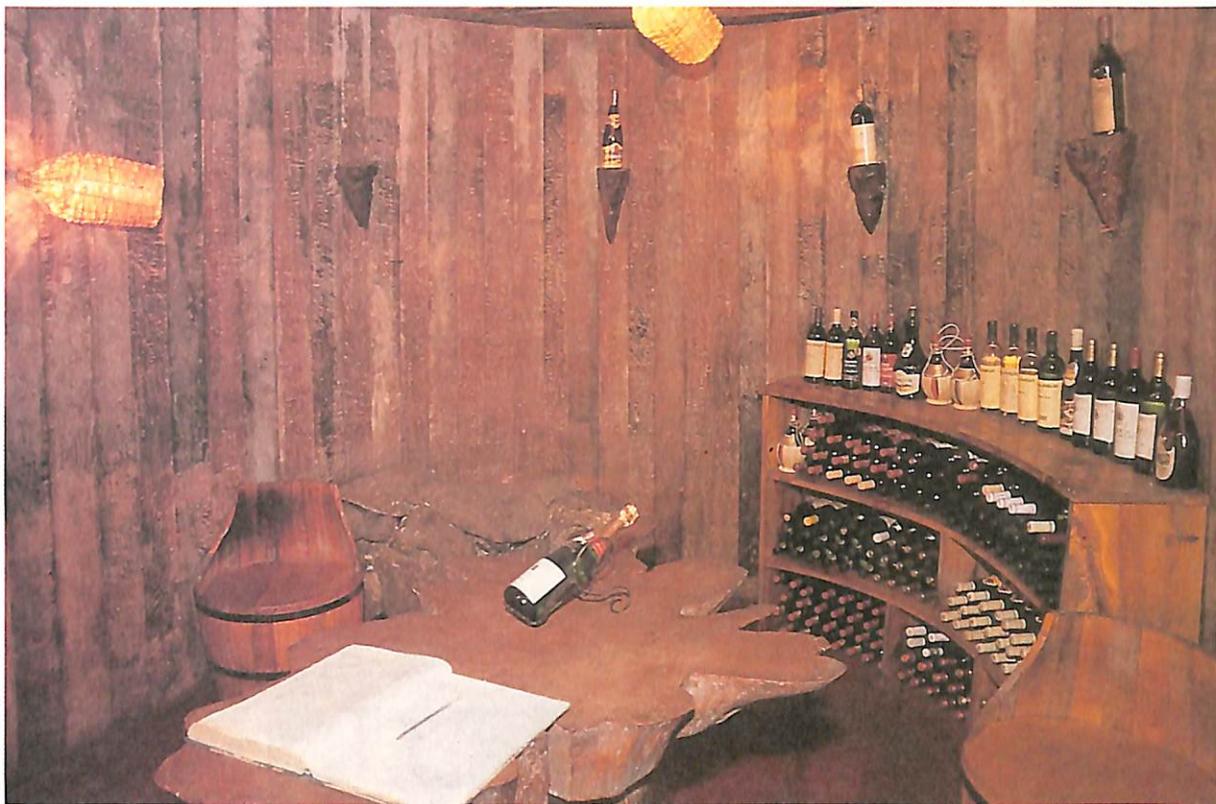
Liderança em concentrados

Em apenas quatro anos de atividades, a Tecnovin do Brasil, com sede em Farroupilha/RS, já é, provavelmente, líder nas exportações de suco concentrado de uva e, com certeza, no caso da maçã. No ano passado, a indústria produziu e comercializou, para outros países, 5 mil toneladas de suco de uva, o que equivale a 30 mil toneladas de fruta ou 8% da produção nacional. O de maçã foi vendido em igual volume, representando 40 milhões de quilos. A laranja e limão também fazem parte dos negócios, porém em menores quantidades, e o pêssego está nos planos para este ano. Esses negócios renderam, em 93, mais de US\$ 12 milhões, segundo Ismar Scuffel, diretor-presidente. A intenção é crescer 20% em termos de volume, o faturamento ficando entre 5% e 8% acima do ano passado.

Com três fábricas e 106 funcionários, o dirigente projeta, para 94, elevar para 6 ou 7 mil toneladas o concentrado de maçã, e permanecer em igual patamar com a uva. "Na laranja, ainda somos pequenos, e, no limão, (clarificado, empregado no fabrico de refrigerantes) temos assegurado o mercado, que, por sinal, está muito bom, contando com

Argentina, Canadá, EUA e Chile. Já a uva é 70% exportada (EUA, Canadá, Japão, Coréia, Arábia Saudita, Kuwait, Líbia, Alemanha), ficando o restante para o mercado interno. Quanto à maçã, 100% é destinada ao exterior, tendo em vista que o brasileiro não tem tradição no consumo desse suco, sendo compradores EUA, Canadá e Japão. O mesmo acontece em relação à laranja, que é embarcada para a Alemanha".

O rápido crescimento da empresa é atribuído por Ismar ao fato de a Tecnovin ser a única no ramo, em termos nacionais, a distribuir parte dos lucros em setembro de cada ano, através de uma gratificação de 10% por cada quilo de uva adquirido. Quem entregou 100 mil quilos ganhou um prêmio em dinheiro equivalente a 10 mil quilos do produto. "O reconhecimento ao produtor fez com que ele nos procurasse. Em 89, recebemos menos de mil toneladas e hoje já temos 1.600 agricultores cadastrados. Então, acho que eles devem se direcionar para o suco, que lhes dá um maior retorno e tranquilidade na venda. E por ser uma variedade mais rústica exige menos tratamento."



Lider na cantina: mais de 90% dos produtos vitivinícolas brasileiros são produzidos no Rio Grande do Sul

saíam dali como *experts* no ramo do vinho ou em laboratório, análise de bebidas, enfim, tudo o que se relacione a uma cantina. O Ministério da Educação e Cultura deve passar a instituição para nível de 3º grau.

Com larga experiência no ramo, Idalencio já viu o setor atravessar inúmeras crises cíclicas. “Eu diria que agora estamos começando a deixar um período ruim, caso dos últimos três anos na produção. Porém o viticultor vem buscando outros ramos da atividade agrícola, diversificando sua produção dentro da agricultura em geral. Hoje ele encontra, na própria fruticultura ou mesmo na pecuária, os caminhos para contornar a crise. Então, mantém as parreiras, mas vem criando aves, suínos e gado leiteiro. Isto tem proporcionado uma maior facilidade para equilibrar a renda.”.

Os Crestani estão prestes a chutar o barril

Desistência - Com uma vida inteira dedicada exclusivamente ao cultivo de videiras, Raul Crestani, 50 anos de idade, é mais um descendente de imigrantes italianos envolvido com uvas e vinhos. Desde os 14 anos de idade, não faz outra coisa senão cuidar das parreiras e da família. Casado, dois fi-

lhos, tem uma propriedade com 12 hectares em Bento Gonçalves. Junto com a esposa e um empregado, cuida de 5 hectares plantados com diversas variedades de uvas específicas para elaboração de vinho. Toda a produção, estimada em 100 mil quilos, será entregue na Cooperativa e Vinícola Aurora. Mas Crestani resolveu interferir no destino de seus filhos e não permitiu que seguissem seu caminho,



Raul Crestani e esposa: o casal garante que, se a situação não melhorar, muitos colonos vão deixar o mato tomar conta dos parreirais

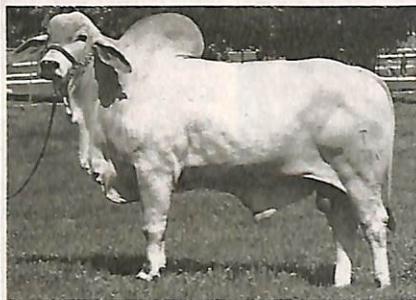
do seu pai e do avô. O rapaz é formado em Economia e trabalha num banco, enquanto a menina, com 15 anos, ainda está estudando.

O agricultor vai ter que contratar seis pessoas, durante 15 dias, para conseguir colher a safra. “As despesas são muito elevadas e você acaba ganhando pouco. Nos últimos tempos, os valores pagos pelo quilo da uva têm estado bastante defasados. E, caso não haja alguma melhora, vários produtores ameaçam mudar de profis-

são. É o que está ocorrendo com um vizinho meu, proprietário de duas lojas de roupas no centro da cidade. Ele me garantiu que, se os preços não melhorarem, será a última vez que cuidará dos seus 10 hectares de parreiras, deixando o mato tomar conta.”

A diversificação já foi tentada por Raul e amigos, que plantaram laranja e kiwi. Mas não deu certo, até mesmo porque ali “o negócio é uva”, como

TABAPUÃ



CAMPEÃO DE TODAS AS PROVAS DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL, DESDE 1975.

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO

**TABAPUÃ,
A RAÇA FEITA PARA O BRASIL
FAZENDA ÁGUA MILAGROSA**

Cx. Postal 23 - 15880-000 - Tabapuã - SP
Tel: (0175) 62.1117 - PABX e FAX: 62.1499

**EM MEDIÇÕES DE UMIDADE
VOCÊ PRECISA TOMAR
A MEDIDA CERTA.
VOCÊ PRECISA DOS
MEDIDORES GEHAKA.**



Todos os modelos para qualquer aplicação. Nacionais e Importados. A Gehaka é completa quando se precisa de equipamento para medir umidade de grãos e produtos agrícolas. Ela analisa sua necessidade,



recomenda o modelo mais indicado e presta assistência técnica e operacional da mais alta competência.

Nos Medidores de Umidade de sua fabricação ou importados, a Gehaka tem um compromisso com o usuário de oferecer um aparelho na medida.



Ind. Com. Eletro-Eletrônica Gehaka Ltda.
Av. Duquesa de Goiás, 235 - São Paulo-SP
Tels.: (011) 844-7488 / 844-5911
Fax: (011) 844-5975

afirmam. Além disso, acreditam que só poderiam chegar a um resultado positivo se tivessem tratores novos e capital para investimento. Porém essas alternativas são remotas demais para dar certo, tendo em vista que, pelos cálculos feitos em dezembro, em relação a quanto valeria 100 mil qui-

los de uva, o montante não ultrapassaria a CR\$ 3,0 milhões (CR\$ 30,00 o quilo). "Com isto, não vale mais a pena tanta dedicação a uma cultura, o jeito sendo sair em definitivo daqui. No entanto, ainda tenho esperanças de dias melhores", afirma Raul.

Uma reserva titular na preferência

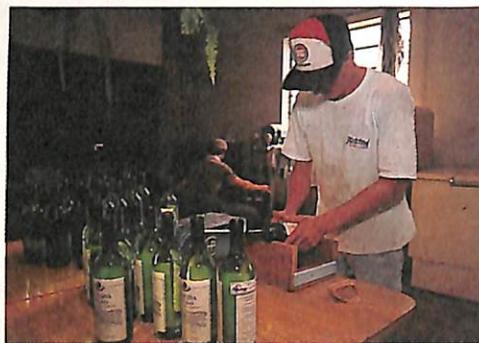
Em 1897, desembarcava no Brasil Giuseppe Miolo, mais um italiano que queria continuar plantando videiras. Assim, recebeu, à época, o lote de terras nº 43, na região hoje conhecida como Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves. Ao longo de todo esse tempo, o objetivo com sua produção não era diferente da maioria dos produtores da região, isto é, colocá-la junto à indústria. Só que, com o passar dos anos, a família pôde constatar que, da forma como conduziam os negócios, iriam tão-somente enriquecer os outros.

Há pouco mais de quatro anos, os Miolo perceberam que o grande negócio era ter coragem e enfrentar a concorrência, partindo para a construção de uma adega e elaborando o próprio vinho. Os requisitos básicos, para não ser rotulado como apenas mais um, eles tinham, ou seja, capricho e qualidade na condução dos vinhedos, o que era reconhecido por todos. A cada final de produção, as principais vinícolas disputavam entre si a aquisição de tão nobre matéria-prima. Com o respaldo de dois membros da família formados em Enologia, um na Escola Técnica de Bento Gonçalves, e outro na Faculdade Don Bosco, de Mendoza, Argentina, saíram à luta.

Antônio Miolo é um dos homens de frente da família, plantando 27 hectares com cerca de 12 variedades nobres, todas específicas para a elaboração de vinhos finos de garrafa, tais como cabernet sauvignon, merlot, sauvignon blanc, pinot noir, entre outras. Caracterizados como "Reserva

Miolo", esses vinhos têm uma produção limitada de apenas 8.000 garrafas por safra de cada variedade. "A nossa filosofia de trabalho prioriza a qualidade acima de tudo. E essa temos obtido porque conduzimos de maneira diferente os parreiras, deixando de lado a quantidade, na busca de um ótimo produto final."

Entre os segredos no manejo das videiras, Antônio destaca o maior espaçamento deixado entre as fileiras, um sistema novo de plantio conhecido como "espaldeira", o qual permite uma ampla entrada de sol, e os devidos tratamentos fitossanitários. Outros



Produção limitada: qualidade é objetivo final

cuidados são empregados na fase do acondicionamento do vinho, selando a garrafa com rolhas de qualidade e usando vasilhame novo, pois, na utilização do reciclado, sempre há o risco de haver algum resíduo, não existindo a perfeição e a tranqüilidade de uma garrafa nova, explica Antônio.

A forma de conduzir os parreirais pela família Miolo é bem diferente daquela em que o produto é entregue na indústria, onde a prioridade sempre é o volume. "Nós buscamos a fruta de primeira. Não compramos de terceiros ou mesmo vendemos in natura. E, no momento da colheita, vai uma pessoa à frente, como se fosse um batedor, apanhando as uvas com qualquer tipo de impureza e separando-as. Essas poderão ser aproveitadas para outras finalidades, mas nunca a reserva. São cuidados indispensáveis e caracterizam o nosso produto. Em março do ano passado, produzíamos 508 mil garrafas, havendo interessados em todo Brasil."

Arrozeiros comemoram os 10 anos do cultivo mínimo



Foto: A Granja

Em 1952, quando o atual proprietário da Fazenda Cerro do Tigre, Eurico Dorneles, assumiu o comando da exploração orizícola naquelas terras, apenas as áreas sujeitas a enchentes e algumas partes mais altas e arenosas eram passíveis de cultivos. Localizada em Alegrete/RS, a aproximadamente 490 quilômetros de Porto Alegre, a maior parte da sua várzea era mal drenada. Pouco a pouco, o produtor sujeitou essas áreas problemáticas ao manejo mecanizado, drenando e investindo de forma adequada. Ao enfrentar sérios problemas com arroz vermelho, no final dos anos 70, Dorneles resolveu apostar em uma nova idéia, pipocante em alguns pontos do Rio Grande do Sul, e investiu na semeadura direta do arroz irrigado. Não errou. Foi possível a convivência com a praga através do cultivo mais racional. Hoje, são ao todo 1.000 hectares cultivados com arroz irrigado, sendo que, nos últimos 10 anos, a produtividade saltou de

O Clube do Plantio Direto com Cultivo Mínimo de Arroz Irrigado realiza a Expodireto, em Alegrete/RS, e mostra os benefícios do sistema

Carolina Bahia

4.900kg para 6.000 kg/ha. “A receita é trocar o tradicionalismo pelo profissionalismo”, festeja Dorneles.

É dessa mudança de consciência que depende a implantação do sistema de cultivo mínimo ou plantio direto de arroz nas propriedades. “É uma filosofia de trabalho”, alerta o agrônomo do Instituto Rio-grandense do Arroz (Irga) Ângelo Soares. Outro pioneiro do plantio direto em lavoura de arroz, Rogério Gilberto Zart, de Dom Pedrito/RS, concorda: tudo é uma questão de decisão e consciência. E, apesar

desse sistema estar comemorando dez anos de existência em arroz irrigado, os produtores em geral ainda não dominam as suas características. Antes de mais nada, é preciso saber que o cultivo mínimo é um passo para o plantio direto.

Técnica — “Plantio direto com cultivo mínimo de arroz é a utilização do solo com menor revolvimento”, explica didaticamente Soares. Na verdade, o agrônomo do Irga alerta para as diferenças. O plantio direto do arroz é a semeadura sobre a cobertura vegetal morta e sem nenhum preparo imediatamente anterior. O cultivo mínimo consiste em reduzir o preparo do solo a duas gradagens (leves), espera de alguns dias (até o surgimento das invasoras), aplicação do herbicida e semeadura. Ele serve para adequar a área nos aspectos de microrrelevo, manejo de água no seu sentido correto (irrigação e drenagens, conservação e condução), implantação de uma rede viária eficiente e estabelecimento de

Com esta tecnologia, "o solo é tratado com a dignidade que merece"

um sistema de taipas e talhas.

Uma vez estando o solo em condições adequadas, pode-se ficar até três anos com o plantio direto. A partir daí, corre-se o risco de surgirem invasoras. Então é aconselhável recomençar o trabalho. Soares ainda ressalta que a propriedade deve oferecer certas características para o cultivo mínimo. Os terrenos precisam ser planos e com um razoável aporte de água, na média de 20 mil metros cúbicos por hectare. No final de agosto, começa o preparo da terra, como no plantio direto, mas não se deve plantar. No final de outubro, é hora de colocar o herbicida e, aí sim, arregaçar as mangas e partir para o plantio. Mas, afinal de contas, o que pode fazer o produtor deixar de lado o sistema convencional?

O "chip" do solo — De acordo com o administrador da Fazenda Cerro do Tigre, Ivo Mello, o rendimento das máquinas aumentou 30%, já que existe mais tempo útil de trabalho na época de plantio. Há a redistribuição, ao longo do ano, de atividades que costumavam se concentrar na época de semeadura, e, acima de tudo, o decréscimo da agressão física. O menor trânsito de máquinas e revolvimento do solo promovem uma melhor estrutura (agregação), resultando em qualidade de aeração, infiltração e armazenamento de água. Isso permite o estabelecimento de rotação de culturas e diferentes coberturas vegetais. No sistema tradicional, a falta desses cuidados acaba em erosão. "O solo tem um "chip" capaz de manter os nutrientes e armazená-los por dois, três anos, ampliando a sua capacidade de fertilização", compara o agrônomo e diretor-técnico do IRGA, Eloi Flores.

Quanto ao resultado final, muitos fatores alheios ao sistema podem influenciar. Entretanto, segundo Flores, só a eficiência econômica da exploração da terra já é ganho de lucro. Uma vez estando o solo melhor estruturado, poderá receber e processar com maior facilidade os fertilizantes químicos. Comparado ao sistema convencional a lanço, na semeadura em linha há maior aproveitamento de fertilizante e uma redução na quantidade

de semente utilizada. "Assim, o solo é tratado com a dignidade que merece", defende Soares.

Ditado do burro — Cada um amarra o burro no poste que bém entende. Os técnicos do Irga são unânimes em concordar com esse ditado e informam aos produtores que a opção pelos diferentes sistemas depende de cada um. Pode-se até manter, na mesma propriedade, o convencional e o direto, ou mudar com o passar dos anos. Contudo, para a implantação de um novo trabalho, é essencial uma análise vocacional da propriedade. É importante que, com a ajuda de um

um herbicida especial para o plantio direto. Hoje, o produto atende 90% do mercado. É aplicado antes do plantio, atacando todas as ervas do arroz, e o gerente regional, Daltro Benvenuti, garante 100% de eficiência.

Cerca de 1.000 pessoas participaram da Expodireto

Aniversário — Para festejar os dez anos desse sistema legitimamente gaúcho, o Clube do Plantio Direto com Cultivo Mínimo de Arroz Irrigado, formado por 2.000 sócios, promoveu, nos dias 6 e 7 de janeiro, a Expodireto. Em uma verdadeira festa, na



Lavoura da Fazenda Cerro do Tigre: durante o evento, o público pode conhecer os fundamentos teóricos e práticos desta tecnologia de plantio

profissional, se levantem as características topográficas, de clima, solo e material humano disponível. Rogério Zart afirma que o investimento inicial é alto, já que uma semeadeira não baixa de US\$ 15 mil. Se bem que os antigos maquinários podem ser aproveitados sem problemas, ou com pequenas adaptações.

Isso indica que nem tudo são flores. O plantio direto com cultivo mínimo de arroz irrigado ainda encontra alguns entraves. Para Ivo Mello, faltam conhecimentos biológicos sobre solos inundados e sobre a química das várzeas. Algumas pesquisas estão em desenvolvimento, como a da Adubos Trevo em conjunto com o IRGA e a Cerro do Tigre, em que está sendo testada a eficiência da adubação de cobertura com potássio de arroz. Outra empresa, a Monsanto, desenvolveu

fazenda de Dorneles, cerca de 1.000 pessoas participaram de dois dias de atividades, constando visitas a centros experimentais com diferentes situações de plantio direto e cultivo convencional. Empresas e entidades demonstraram os seus serviços, e os implementos estavam à disposição para demonstrações dinâmicas.

Eurico Dorneles, também presidente do Clube do Plantio Direto, acredita que a área plantada através desse sistema deverá apresentar um aumento de 10% a 15% no Estado, em relação ao ano passado. Com isso, as lavouras podem atingir até 300 mil hectares, de um total de 900 mil hectares. "No início, encontramos grandes dificuldades em difundir o plantio direto, mas agora se sabe que, quanto mais de planta sob esse sistema melhor a terra", comemora. 📖



INSIDER

CIENTISTA DA PIONEER EM SEU LABORATÓRIO

Desenvolver a agricultura através da pesquisa genética. Esta tem sido a vocação permanente da Pioneer em mais de 120 países onde atua.

Dona do maior banco privado de germoplasma em todo planeta, a Pioneer também foi a primeira a produzir comercialmente sementes híbridas de milho.

Anualmente são investidos cerca de US\$ 100 milhões somente em pesquisa e desenvolvimento, envolvendo aproximadamente 90 estações experimentais espalhadas estrategicamente pelos cinco continentes e o emprego de quase 1000 profissionais.



Este fantástico trabalho dos melhoristas e técnicos de pesquisa da Pioneer, busca continuamente o desenvolvimento de novas e melhores sementes para os agricultores de todo o mundo.

São centenas de milhares de polinizações manuais realizadas a cada ano em cerca de 300 mil parcelas plantadas nos campos experimentais mantidos pela Pioneer neste que é o maior programa mundial de pesquisa genética vegetal. Tudo voltado para tornar mais moderna e eficiente a agricultura.

Tudo para ajudar os agricultores a produzir alimentos com mais segurança e qualidade.



SEMENTES • MARCA

PIONEER®

ZEBU

Brahman vem para cruzamento industrial

Enquanto o brahman americano está chegando ao Brasil, para cruzamento industrial destinado a melhorar o desempenho do rebanho nacional de corte, o nelore brasileiro já está nos Estados Unidos, onde, cruzado com gado europeu, deve reduzir o nível de colesterol que entope as veias norte-americanas

Jota Oliveira

A iniciativa de trazer o brahman para o Brasil é de um paranaense, Manoel Campinha Garcia Cid, o Neco Garcia, que, em abril de 1993, criou a Associação Brasileira de Criadores de Brahman, com

sede no Parque de Exposições Ney Braga, em Londrina, onde está estabelecida a Sociedade Rural do Paraná e local de exposições agropecuárias de caráter nacional, nas quais predominam zebuínos e reprodutores de raças



e nelore vai para diminuir colesterol

européias. A aneloração do gado americano está, por sua vez, sendo iniciada pelo sogro de Neco Garcia, Rubens de Andrade Carvalho, o Rubico, de Barretos/SP. Outro zebuzeiro muito conhecido, que vem criando nelore

nos Estados Unidos, é Ovídio Miranda Brito, também paulista. Neco diz que ainda não cria nelore naquele país. Rubico e Ovídio adquiriram os primeiros animais lá mesmo — umas vacas nelore que teriam sido levadas

do Brasil por volta dos anos 70, por Volney Atalla, então presidente da Copersucar.

“O posicionamento positivo da ABCZ representa um avanço à economia de mercado livre”

Por que o brahman? — Neco Garcia explica por que quis trazer o brahman para o Brasil: apesar de ser um animal cruzado, o brahman americano, também zebuino, “tem longa linha de cruzamentos e todas as vantagens de um bom zebu”, a melhor precocidade, rusticidade, boa conversão alimentar (precisa de menor quantidade de alimentos, no pasto e na ração), docilidade, facilidade de manejo e boa aptidão materna, o que significa maior produção de leite.

Além disso, o Brasil, e principalmente o Paraná, está trabalhando para conseguir mandar animais cada vez mais cedo, da fazenda para o abatedouro. Assim, serão abatidos animais cada vez mais jovens, dando vantagens para as duas pontas do negócio pecuário: do lado do fazendeiro, menos tempo com gado no pasto e dinheiro mais cedo no bolso; para o consumidor, carne mais macia, fruto do cruzamento industrial, conforme observa Neco.

Acrescente-se que, no Brasil, em 90% dos cruzamentos a fêmea é nelore, a qual tem pouca habilidade materna — menos leite. O problema é o aproveitamento da fêmea nascida desse cruzamento. O macho é para o corte, e demora dois anos para chegar ao ponto de abate, com 510kg. O touro brahman viria enxertar a fêmea cruzada, dando um animal de mais peso e mais leite do que a vaca nelore. “O brahman dá mais leite” — explica Garcia — “porque tem carga genética mais acentuada de guzerá”.

Mercado para o brahman existe aqui. “O rebanho do Brasil está bei-

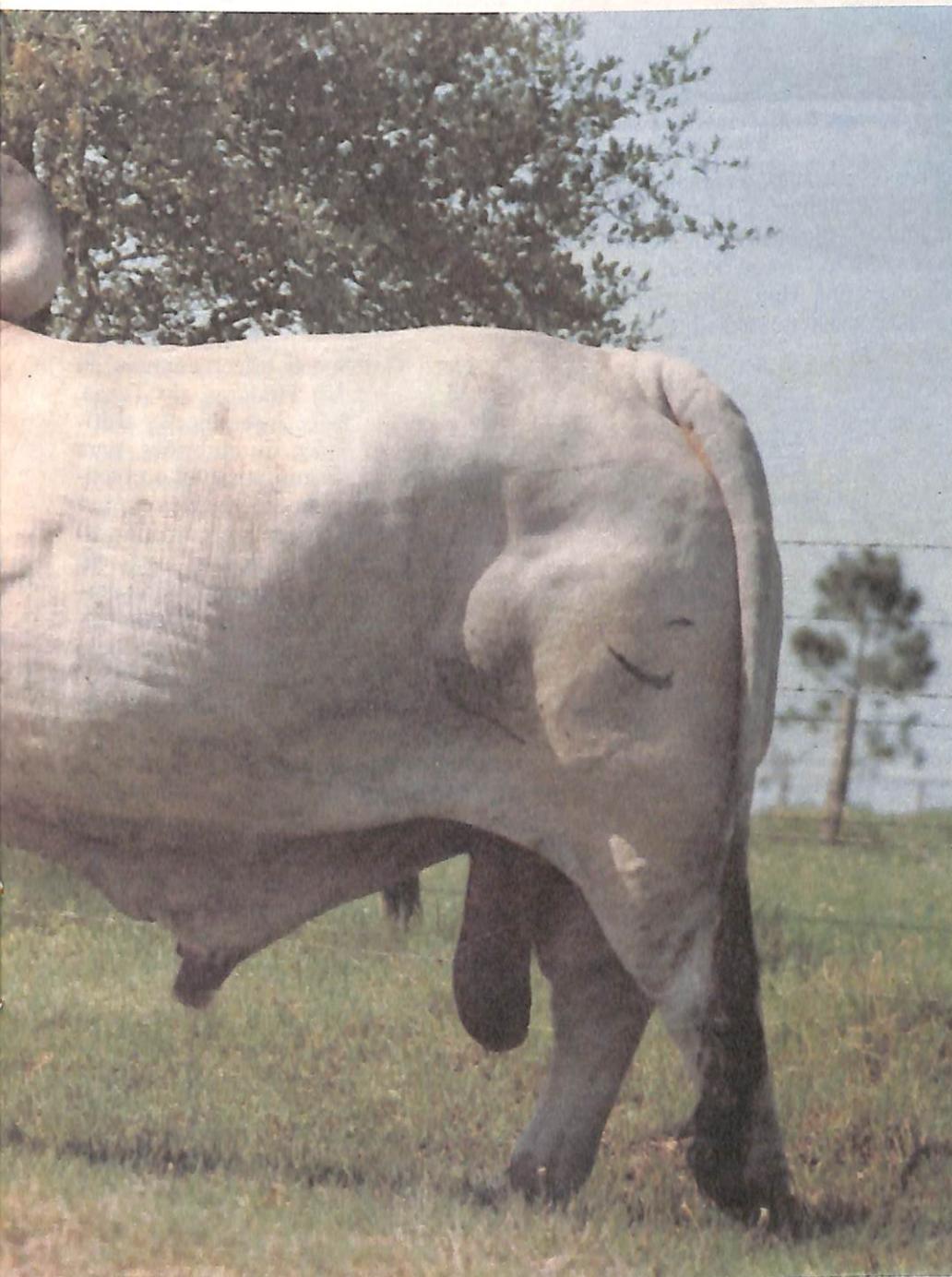
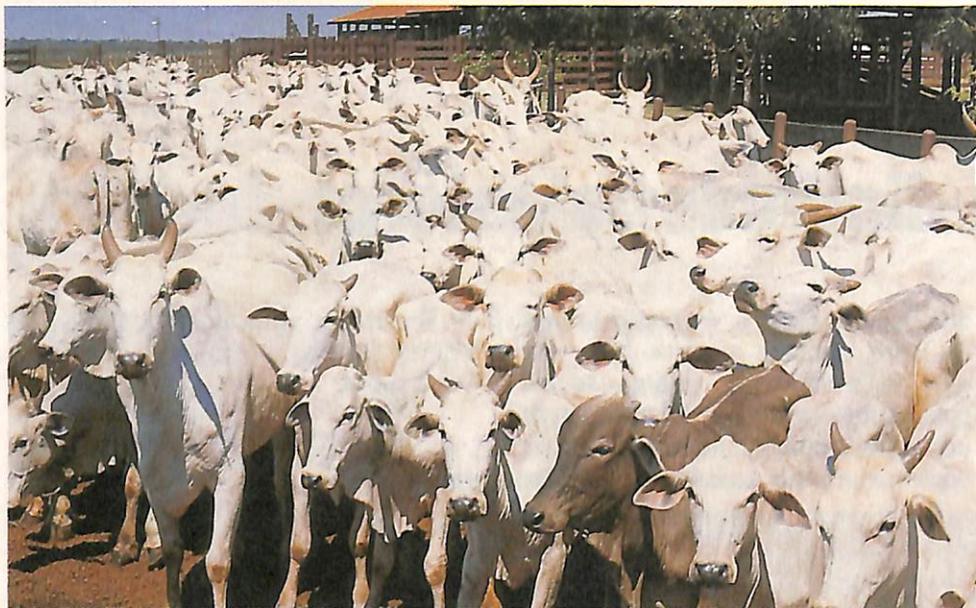


Foto: gentileza ABCZ



Zebuuda brasileira: os importadores garantem que o cruzamento do brahman com vacas aneloras irá produzir animais de abate mais precoces

rando os 140 milhões. A expectativa de mercado vai depender muito dos animais que vierem, pois o pecuarista brasileiro é conhecedor e muito exigente de bons exemplares”, analisa o criador. Ele prevê que a pecuária de

corte — portanto, o campo dos cruzamentos brahman x nelore, principalmente — deve ampliar-se em São Paulo, Mato Grosso do Sul e um pouco no Paraná, Hoje, a pecuária de corte está mais no Brasil Central, en-

quanto São Paulo, Paraná e parte de Minas produzem reprodutores de alta linhagem.

Pode existir alguma preocupação com a possibilidade da importação vir a refinar o sangue da pecuária brasileira, o que é negado por Neco. “Quando uma raça é confinada em linhagem restrita, a consangüinidade pode ser negativa. Mas entendo que o brahman se destina a cruzamento, assim isso não ocorrerá.” O criador destaca a importância da posição favorável da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) à importação, como mais uma prova de que a vinda do brahman será positiva: “A ABCZ foi favorável à importação porque a qualidade da raça brahman é uma imposição. O posicionamento positivo da entidade representa um avanço importante e necessário para a economia de mercado livre”.

A raça norte-americana é criada em mais de 40 países

Neco Garcia vai trazer animais do criatório de J. B. Hudgins, do Texas. Ele pretende fazer inseminação artificial e transferência de embriões, para aproveitar o máximo possível o potencial do brahman, e espera que, em um ano, uma matriz possa reproduzir de 10 a 20 bezerros. Estes deverão ter as características de peso e precocidade desta raça. Notando um “interesse crescente” de criadores brasileiros pelo brahman, o pecuarista questiona: “Se ele já é criado em mais de 40 países do mundo, por que não no Brasil?”

Primeira importação — Neco começou a trabalhar, para a introdução do brahman no Brasil, em abril de 1993, quando fundou a Associação Brasileira de Criadores de Brahman, da qual é presidente. Hoje, embora ainda não exista no País uma animal dessa raça, a associação já tem 80 pecuaristas filiados.

A chegada dos primeiros lotes está prevista para o início deste ano, quando virão, somente para Garcia, 100 doses de sêmen, 21 embriões, sete novilhas e um garrote, além de um garrote e seis novilhas para Rubico e filhos. Tudo comprado dos mais famosos criadores americanos da raça, principalmente J. Hudgins, J. J. Ranch e V-Ranch (JD).

15
anos
SERVIMED
SAÚDE LEVADA A SÉRIO

**ATENDIMENTO
MÉDICO-ODONTOLÓGICO
AMBULATORIAL E HOSPITALAR
ÀS EMPRESAS E PARTICULARES.**

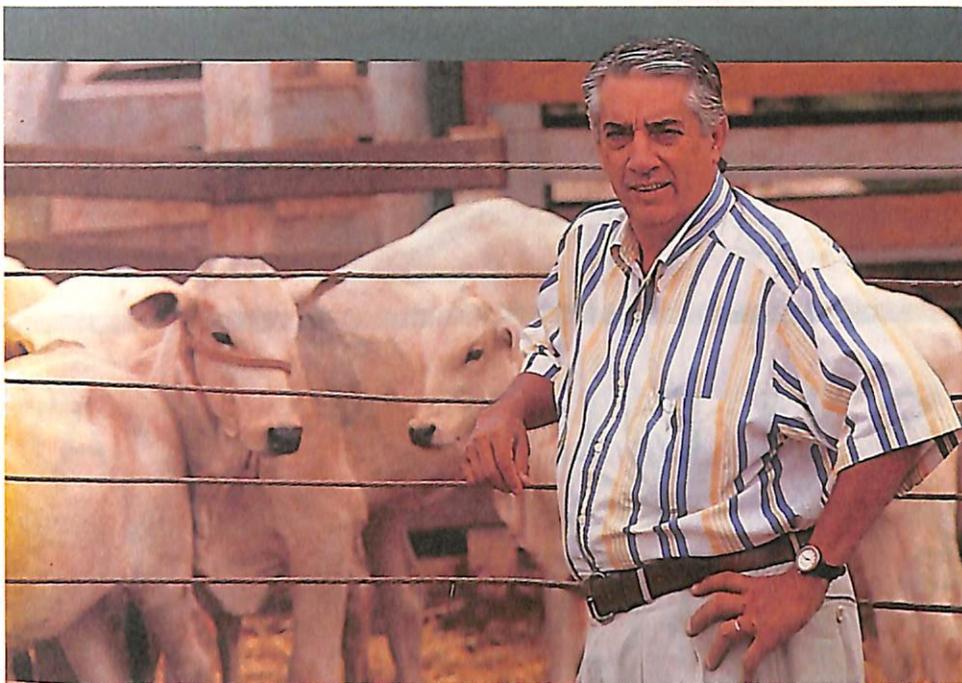
FONE: 342-4242

Para conseguir autorização de importação, os interessados tiveram de comprovar as qualidades raciais e as boas condições sanitárias dos lotes, conforme as exigências do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e Reforma Agrária. Criadores americanos também vão mandar animais, que, juntamente com os importados, serão mostrados pela primeira vez na

34ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, de 7 a 14 de abril. A Associação Argentina de Criadores de Zebu já confirmou participação de brahmans do país. Virão, ainda, animais pertencentes a criadores do Paraguai. O presidente da Associação dos Criadores do Brahman Americano, Mark J. Ferguson, visitará a Exposição.

Os animais procedentes dos Estados Unidos não poderão retornar, devido à aftosa existente no Brasil, embora o Paraná atualmente esteja isento da doença. Os pecuaristas americanos possivelmente venderão esse gado em leilão, durante a exposição, para criadores brasileiros.

A fim de importar o gado, Neco precisou conseguir, do Ministério da Agricultura, a fixação de normas orientando a entrada dos animais no Brasil. As normas, que tratam dos critérios zootécnicos específicos para importação de brahman, e das exigências zoossanitárias para importação de bovinos dos Estados Unidos, para reprodução, foram aprovadas em setem-



Neco Garcia: o importador e presidente da Associação Brasileira de Criadores de Brahman é um tradicional selecionador de nelore em Londrina/PR



Touro peso-pesado: o reprodutor brahman mostra algumas características do guzerá, raça zebuina que participou da formação do zebu norte-americano

bro/93, pela Divisão de Produção, Inspeção e Defesa Animal, do Ministério.

Técnicos do governo e da ABCZ foram aos EUA examinar a procedência dos animais

Entre as exigências, consta a apresentação de Certificado de Genealogia de cada um dos animais importados, comprovando terem, no mínimo, três gerações ascendentes da raça. As provas de características raciais são acompanhadas de fotografias e vídeo

do país. No Brasil, a Sociedade Rural do Paraná, delegada da ABCZ, emitiu o Certificado Zootécnico. Um grupo de técnicos do Ministério e da ABCZ foi aos Estados Unidos para examinar a procedência dos produtos a ser importados.

Para o nelorista José Carlos Tibúrcio, presidente da Sociedade Rural do Paraná, o gado brahman “tem tudo para trazer precocidade” ao rebanho brasileiro, em cruzamento com outros zebuínos. Ele salientou que os produtos de brahman com nelore poderão ser abatidos com dois anos de idade. “Trata-se de uma opção a mais para os cruzamentos”, opinou, lembrando que, hoje, em regime de campo, a média de idade para abate, no Brasil, é de três anos e meio. Tibúrcio recordou que o próprio Ministério da Agricultura mandou técnicos aos

Estados Unidos, analisou e liberou a importação, porque acha que vai ser uma nova fonte genética para cruzamento industrial.

O nelorista observou ainda que a principal diferença do brahman em relação às raças taurinas (de origem européia), predominantes nos Estados Unidos, é a maior rusticidade.

Para o superintendente-geral da ABCZ, Moacir Duarte Gomes, que até dois meses atrás era o superintendente-técnico dessa associação, se o gado brahman “demonstrar boas qualidades no Brasil, será uma maravilha”, pois “constituirá mais uma ►



A S H E L L A C A B A

AO INCORPORAR A DIVISÃO AGROPECUÁRIA DA SHELL, A CYANAMID INCORPORA TAMBÉM

D E C O N F I A R

UMA IMENSA RESPONSABILIDADE. RESULTADO DE UMA AMADURECIDA DECISÃO

U M A G R A N D E

EMPRESARIAL, DE AMBAS AS PARTES, A OPERAÇÃO TEM COMO MAIOR SUPORTE

R E S P O N S A B I L I D A D E

ATRIBUTOS COMO CREDIBILIDADE E CONFIANÇA. A SHELL, QUE SEMPRE SE DESTACOU

A U M A E M P R E S A

PELO NÍVEL DE QUALIDADE DE SEUS PRODUTOS, IDENTIFICOU NA CYANAMID O PERFIL

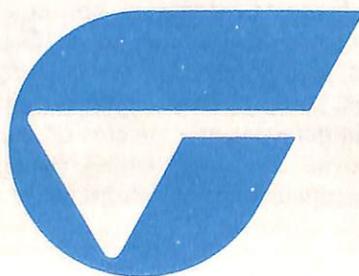
C O M G R A N D E

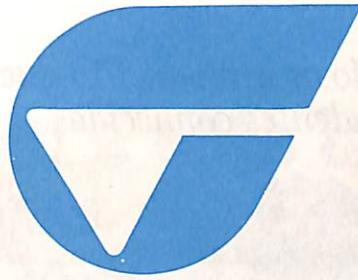
DE UMA EMPRESA A QUE PUDESSE CONFIAR OS SEUS PRODUTOS. UMA EMPRESA

E X P E R I Ê N C I A

COM LARGA EXPERIÊNCIA E GRANDE RESPEITABILIDADE NO SETOR AGROPECUÁRIO.

D E V I D A .





A C Y A N A M I D

À CYANAMID CABE PRESERVAR A CONFIABILIDADE DOS PRODUTOS SHELL. SUA HISTÓRIA ATESTA ESSA CAPACIDADE.

ASSUME A DIVISÃO

OS PRODUTOS, QUE PASSAM A SER FABRICADOS E COMERCIALIZADOS PELA CYANAMID, MANTERÃO RIGOROSAMENTE

AGROPECUÁRIA DA

OS PADRÕES DE FORMULAÇÃO, EFICÁCIA E QUALIDADE. VÃO SE SOMAR À LINHA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

SHELL COMO MAIS

DA CYANAMID. COM ISSO, A CYANAMID PODERÁ AMPLIAR SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO, CAMINHANDO EFETIVAMENTE PARA

UMA GRANDE

A LIDERANÇA DE UM DOS SETORES VITAIS DE NOSSA ECONOMIA. UMA RESPONSABILIDADE DA QUAL A CYANAMID

RESPONSABILIDADE

MUITO SE ORGULHA. E QUE PROCURA TRANSFORMAR, À CADA DIA, EM QUALIDADE DE VIDA PARA TODOS.

NA VIDA.



É liberada apenas a importação de animais PO que tenham três gerações ascendentes conhecidas

raça zebuína a ser trabalhada”. Mas, ressaltou que, caso não se adapte às condições locais de pastagens e criação, “vai passar pelo mesmo crivo por que passaram outras raças que já estiveram em evidência, encontrando-se um pouco obscuras no momento”.

Porém suas observações feitas no exterior parecem comprovar algumas das qualidades ressaltadas por Neco Garcia e outros criadores. Gomes visitou algumas exposições e lá viu brahmans em julgamento. “São animais bem formados, bem cobertos de carne”, recorda. O superintendente da ABCZ diz não temer as importações: “Não tenho receio porque trabalhamos com raças puras”. Ele acrescenta que o que está aprovado é a importação, inicialmente, só de animais PO com três gerações ascendentes conhecidas. “Então”, resalta, “vamos trabalhar com raças puras, cruzando



Pecuaristas envolvidos na criação e exportação do brahman: nos EUA, (da esq. para dir.) Rubiquinho, Sloan Willians, Rubico de Carvalho, Johnny Jeff Coat - pres. da American Brahman Associated - e Antonio Prata de Carvalho

brahman com brahman”.

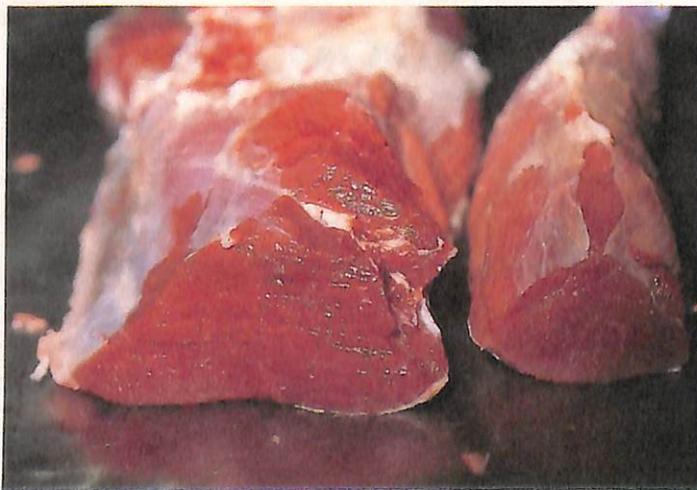
Não é bem isso que os importadores desejam. Eles, segundo Gomes, “batem” em cima da precocidade da raça, de uma boa conversão alimentar e de carne, que consideram de “ex-

traordinária palatabilidade”. A conversão, como salienta o superintendente, é relativa: depende muito mais dos animais que estão sendo trabalhados; da faixa etária — se são jovens ou adultos. Colocar brahman sobre

Menos gordura na carne americana

Os neloristas brasileiros nos Estados Unidos estão de olho nas preocupações dos norte-americanos com a saúde. Neco Garcia explica que as raças européias têm carne macia, porém sua gordura é entremeada, com alto nível de colesterol. O zebu tem a vantagem de possuir gordura separada, que pode ser totalmente retirada. Isso significa carne mais magra; portanto, com menor teor de colesterol, bem como os americanos gostariam. Os criadores brasileiros pretendem que o nelore provoque a mudança e enxugue o rebanho americano.

Uma oferta de carne com menor teor de gordura, nos Estados Unidos, seria o futuro do nelore naquele país.



Neco diz não saber de quanto é, no momento, o rebanho nelore das fazendas americanas. “Ainda não é um número expressivo”, avalia. Ele está principalmente no Texas, e os brasileiros vêem grande mercado para a raça também no México e América Central, onde já existe o brahman.

Nos Estados Unidos, Neco salienta como neloristas os paulistas Rubico de Carvalho e Ovídio Miranda Brito. Ele mesmo diz não

criar, e afirma que a boiada nelore desses criadores, por enquanto, é ainda uma cabeça-de-ponte, que poderá ir penetrando e enxugando a pecuária norte-americana.

Abrindo espaço, possivelmente para o futuro zebu brasileiro nascido da introdução do brahman no rebanho nacional.

vaca nelore brasileira será uma das possibilidades da importação, segundo Neco Garcia. Na opinião de Gomes, não há necessidade de renovar o sangue zebu do Brasil. “Não precisamos de sangue novo. Acredito, porém, numa raça pura que vai ter lugar aqui, como outras tiveram. A não ser que queiram fazer animais mestiços para cruzamento industrial, com finalidade de abate...” Mas ele não conhece resultados nesse sentido em outros países. Cruzamento industrial é mesmo um dos interesses, provavelmente o maior, dos neloristas interessados na importação do brahman americano. 📌

Quem é este tal de brahman?

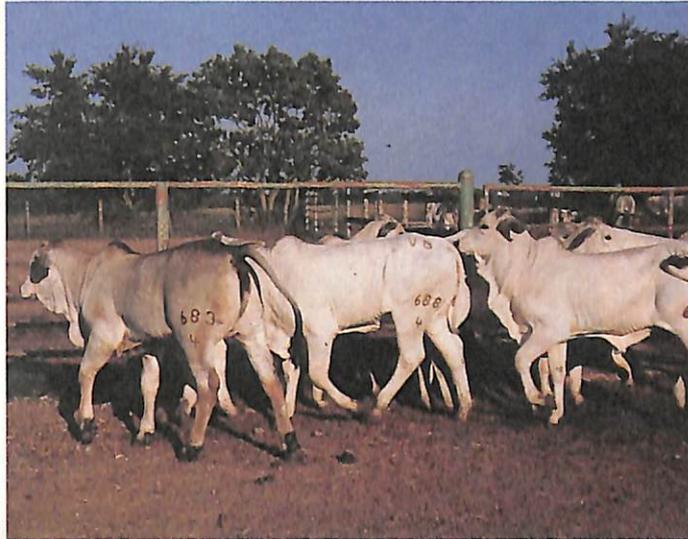
O *american brahman* é uma criação americana, fruto de cruzamento de quatro raças indianas (*Bos indicus*), classificadas genericamente, no Brasil, como zebu, que lhe transmitiram suas características: guzerá, nelore, gir e *kris-hna valley*. A raça foi desenvolvida inicialmente ao sul do Golfo de Coastal Plains, na região situada entre os rios Mississippi e Grande.

A iniciativa partiu de um grupo de criadores que desejavam obter uma nova espécie de gado, capaz de se desenvolver em uma região onde ocorria temperaturas extremas, com muitas doenças e insetos. Ao mesmo tempo, almejavam uma raça que tivesse a mesma qualidade do gado de corte bretão e a adaptabilidade das raças espanholas. Tinham como objetivo rusticidade com produção. Para formá-la, escolheram, em primeiro lugar, o guzerá, um animal tão antigo quanto a civilização.

Depois de vários cruzamentos, ficou caracterizada a nova raça, e, em 1924, era criada a Associação dos Criadores de Brahman Americano. Esse gado tinha as características buscadas pelos criadores americanos: aparência sólida, poderosa — um animal forte; alimentava-se em pastagens naturais, sozinho; tinham boa aptidão para carne; temperamento dócil; habilidade materna e resistência às inclemências. Além de todas essas qualidades, era um boi pesado, o touro alcançando até 1.300 quilos.

O nelore, gado bravo, deu-lhe, principalmente, características de resistência a insetos e doenças, dispensando muito cuidados. O aspecto negativo do nelore, sua bravura, foi compensada pela mansidão do gir.

Bos indicus procedentes do Brasil podem ter interferido na criação ou no desenvolvimento da raça



Garrotes puros: lote de animais brahman criados numa fazenda norte-americana

brahman. O País recebeu os primeiros guzerás em 1870; em 1924, exportou para os Estados Unidos, via México, quatro dos mais importantes touros brasileiros, segundo o livro "*American Brahman* — a história do brahman americano", de Joe. A. Akerman Jr., do

North Florida Junior College, editado em 1982. Aqueles touros, afirma o autor, eram indu-brasil, raça desenvolvida basicamente por cruzamentos de gir e guzerá, duas das formadoras do brahman americano. Segundo essa fonte, desde 1870 os criadores brasileiros "sabiam da popularidade e do interesse, por parte dos criadores norte-americanos, pelo gado indiano".

O nome brahman — Embora a história da raça seja bem documentada, a origem da palavra brahman não está bem esclarecida. Não se sabe por que "brahman". Porém, conforme Joe Akerman no seu livro, desde a metade do século passado havia referências a essa palavra, relacionada à raça ou animais indianos. Em 1858, o dr. A. C. Ambler, da Flórida, referiu-se a um touro que ele adquirira em Nova Delhi, Índia, e que era tido como da raça "brahmin". Palavras semelhantes aparecem em outros relatos: "bramah", em carta recebida por A.R. Hudgins em 1875.

Na reunião que fundou a Associação dos Criadores do Brahman Americanos, em 1924, discutiu-se o nome que seria dado à raça de *Bos indicus americana*. Sartwelle, primeiro-secretário da associação, sugeriu "brahman", por achar uma denominação apropriada. Brahma, Brama ou Bramhma é um deus da Índia, derivado de Brahman — "O Absoluto", deus criador, grande, forte, qualidades marcantes no gado brahman americano.

Fitozooterapia: bem mais do que curar animais com plantas

Além de ser mais acessível ao pequeno produtor e de proporcionar menores riscos ao ambiente, a fitozooterapia prega mudanças no manejo capazes de reduzir o estresse, e melhorias na qualidade de vida dos animais, prevenindo, assim, doenças no rebanho. No Centro Agrícola Demonstrativo, da Prefeitura de Porto Alegre, e na Fundação Gaia, em Pantano Grande/RS, o emprego dessa teoria, baseada em princípios agroecológicos, está diminuindo despesas com alimentação e remédio nos criatórios

Maria Lúcia Badejo



Fitoterapia é um nome grande que resulta em custos pequenos. Quem garante é o médico veterinário César Avancini. Com suas pesquisas no curso de mestrado da Universidade Federal do Rio Gran-

de do Sul (UFRGS), ele conseguiu provar que plantas medicinais consagradas pelo povo são poderosas na prevenção e cura de doenças dos animais. Ou seja: os chazinhos, tinturas e unguentos, tão corriqueiros nas casas

do interior, podem servir perfeitamente no uso veterinário e dispensar ou reduzir a compra de vermífugos, desinfetantes e antibióticos. “Não é uma terapia alternativa. Muito pelo contrário, precisamos resgatar essa forma tradicional de tratamento, profundamente arraigada na cultura popular.”, observa Avancini.

Há pouco mais de um ano, Avancini está transformando em prática seu estudo acadêmico na lida com as vacas e cabras leiteiras, coelhos e galinhas de postura existentes no Centro Agrícola Demonstrativo (CAD), órgão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. “Acho que é a única entidade governamental que optou pela agroecologia”, diz o veterinário. Ele observa que a fitoterapia é ideal para a pequena propriedade, onde as dificuldades financeiras costumam ser maiores. “Muitas vezes, se faz o diagnóstico, é dado o receituário, mas o produtor não consegue comprar o remédio”, alega. Esse tipo de tratamento também é aplicável, perfeitamente, em grandes plantéis. “Mas é preciso ver que a escala muitas vezes pode ser a causa dos problemas, como em grandes aviários ou criações de suínos”, afirma Avancini.

Um estudo norte-americano prova que 45% dos medicamentos têm origem nos reinos animal e vegetal

Pilhagem — Animais mantidos em confinamento tendem a ficar doentes com mais frequência porque vivem em condições estressantes. Por isso, o normal é receberem, na ração, doses diárias de antibiótico, que deixa resíduos e encarece o manejo. Segundo o veterinário, 84% dos remédios usados no Brasil são sintéticos importados. Comparando essa estatística com um recente estudo norte-americano, onde fica provado que 45% dos medicamentos têm origem nos reinos animal e vegetal, não é difícil concluir que a dependência dos produtos industrializados é opcional. “É comum laboratórios estrangeiros virem ao

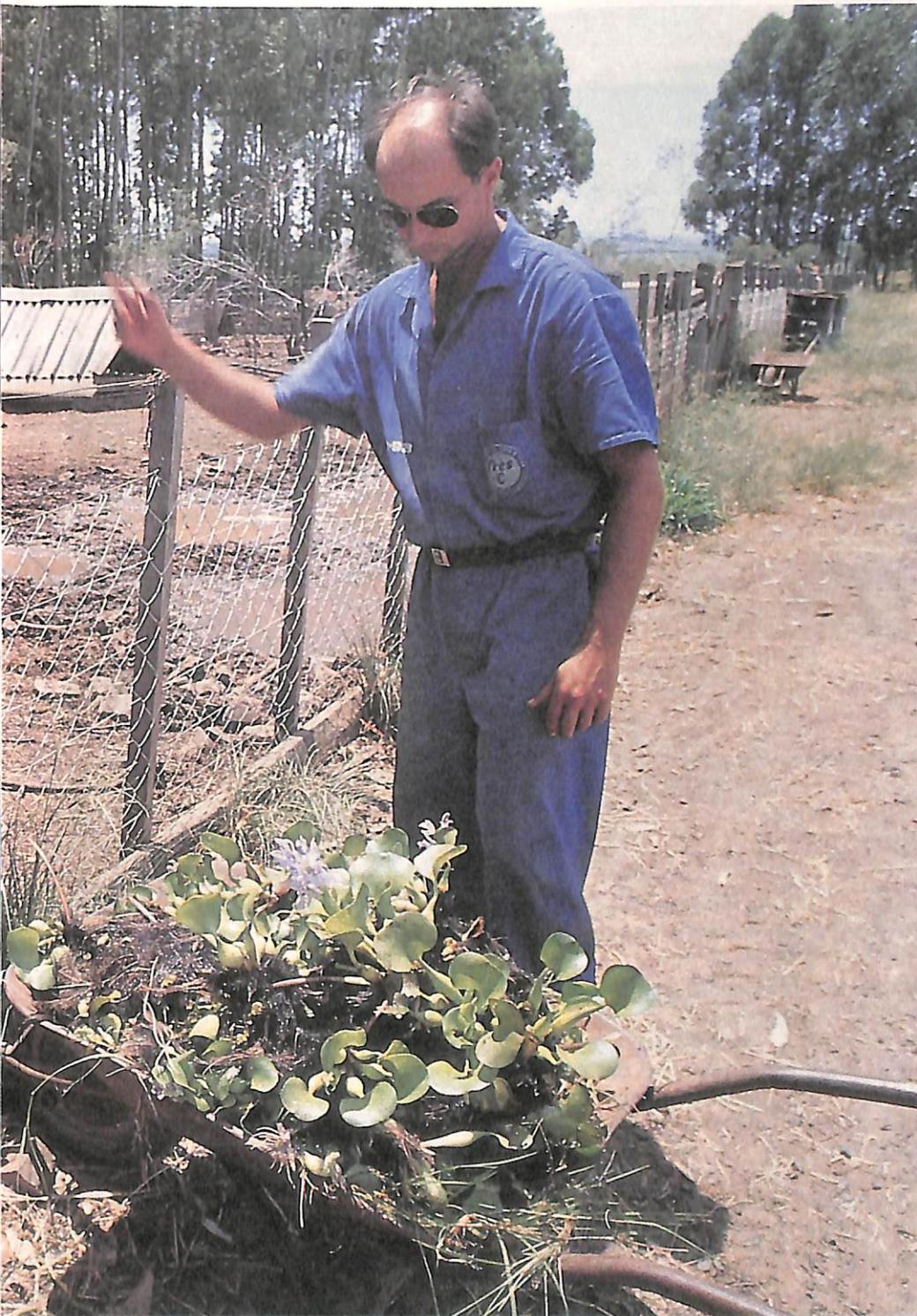


Foto: Luiz Fernando Lammert

A fitozooterapia propõe a criação semi-extensiva de animais adaptados às condições bioclimáticas de cada região

Brasil aprender com os índios o uso das plantas, voltarem para seus países e sintetizarem as moléculas, que vão ser registradas como propriedade deles. A pilhagem continua”, afirma Avancini.

Em sua tentativa de recuperação tanto cultural quanto acadêmica da fitoterapia, o veterinário frequenta as reuniões da Pastoral da Saúde, para conhecer o uso medicinal dos vegetais pelo povo, e procura utilizar e indicar o que é tradicional e, de preferência, existente na própria região. “Não saio catando qualquer planta, pesquiso as de uso consagrado.” A preocupação em trabalhar com elementos locais é estendida à escolha dos animais para formar um plantel. Aconselha ao produtor, quando vai planejar uma criação, levar em conta que as variedades importadas com certeza vão sofrer problemas de adaptação, exigindo cuidados especiais. “O porco, a galinha, o cavalo e a ovelha foram trazidos nas caravelas e tiveram que se adaptar às condições da América”, lembra. O que acontece quando o criador traz variedades de outras regiões ou países é uma necessidade de adaptar o ambiente ao animal, como, por exemplo, cultivando pastagens. “É claro que os animais importados podem ser mais produtivos, mas isto se lhes dermos as condições que eles exigem”, argumenta.

Planejamento — O planejamento da saúde do rebanho e do próprio bolso exige outras atitudes do criador, além da escolha dos animais, privilegiando os já adaptados à região. A proposta de César Avancini baseia-se sempre na simplificação e adequação à realidade local. Muitas vezes, os estábulos usados no Brasil copiam modelos trazidos da Europa, onde, seis meses por ano, faz frio, e, nos outros seis, tudo está coberto de gelo. Ele recomenda instalações bastante arejadas e iluminadas. “Onde entra o sol, não entra o médico”, avisa. O local em que são colocados os animais também deve facilitar o recolhimento do esterco, para evitar a proliferação de moscas. Esse esterco necessita ser transferido para uma composteira, em vez de ir parar no arroio mais próximo, contaminando o



Lama relaxante: os porcos criados no seu habitat são pouco suscetíveis ao estresse



Ovo dourado: além de comerem menos ração, as galinhas produzem ovos com maior quantidade de caroteno (pró-vitamina A)

ambiente. “A compostagem é uma das vedetes da propriedade”.

A própria alimentação constitui uma importante maneira de evitar doenças nos animais, principalmente verminoses e ectoparasitas, como sarna e carrapato. “É impossível falar em criação sem rodízio de piquetes”, adverte o veterinário. Trocando os animais de pasto a cada três dias, é possível eliminar, pela exposição ao sol, os ovos e larvas presentes nas fe-

zes. Além disso, com essa forma de manejo, os animais não comem o rebrote e têm pasto sempre.

Na criação de suínos e galinhas, a idéia é o sistema de parques, onde os bichos vivem soltos e dispõem de casas para dormir e pôr ovos. Esse tipo de criação semi-extensiva permite aos animais pastar e tomar sol. As galinhas podem ciscar à vontade, e os porcos, fuçar e rolar na lama. “Há alguns milhares de anos, as galinhas

pastam e comem insetos, mas, na criação intensiva, os nutrientes têm que vir na ração”, diz César Avancini. Além de melhorar a qualidade de vida do animal e reduzir o estresse, o sistema de parques diminui o custo econômico. Na criação de poedeiras do Centro Agrícola Demonstrativo, já foi observada a vantagem na prática: as galinhas estão recebendo 20% a menos de ração.

Mais do que uma questão sanitária, a fitozooterapia é a valorização da cultura popular

Farmácia caseira — Mesmo com esses cuidados, a incidência de alguns problemas na saúde dos animais é inevitável, mas a cura pode ser bem mais barata e tão rápida, com produtos caseiros, quanto à proporcionada por remédios produzidos em laboratórios. Para garantir o fácil acesso à medicação, Avancini recomenda ao criador manter um pequeno horto medicinal em casa. Não devem faltar arruda, tanchagem, babosa, eucalipto, carqueja, erva-de-santa-maria, erva-de-bicho e confrei. O alho, o fumo e as sementes de abóbora também são medicamentos vegetais sempre presentes nas receitas do veterinário. “O fato de ter uma farmácia vegetal em casa não quer dizer que o criador deva dispensar o veterinário, para fazer o diagnóstico e o



Wolff, Avancini, Schmitz: para esses técnicos, a fitozooterapia, além de uma ciência, é uma filosofia de vida

acompanhamento”, adverte.

Ele também lembra a importância de usar as doses adequadas e pôr fim à idéia de que as plantas medicinais não são fortes, ao contrário dos pro-



Confrei: o uso da erva exige cautela

duto industrializados. Como trata-se de remédios, não devem ser usadas sem motivo e, sim, apenas para a indicação correta. É bom lembrar ainda que algumas plantas, como o confrei, que provoca câncer no fígado, só podem ser aplicadas externamente. Para aproveitar bem o poder curativo dos vegetais, é preciso saber qual a melhor forma de empregá-los.

No uso interno, podem ser utilizadas infusões (coloca-se a planta em um recipiente, e sobre ela é despejada água fervendo, deixando-se a mistura abafada por 10 a 15 minutos), decocotos (partes duras da planta fervidas com água) ou tinturas (a planta fresca

SAFRAS & Mercado

ESTÁ NA HORA DE PLANEJAR A COMERCIALIZAÇÃO DA SUA SAFRA

Quando você faz uma assinatura de **SAFRAS & Mercado**, você está entrando num completo sistema de informações e análises de mercado.

Assine SAFRAS & Mercado e garanta um ano de lucros na comercialização de seu produto. 

CUPOM DE ASSINATURA

Gostaria de receber a(s) publicações especializada(s) SAFRAS & Mercado, por três (3) meses, que pagarei na forma indicada abaixo:

PUBLICAÇÃO	VALORES EM CRS
SAFRAS & Mercado SOJA & Grãos (semanal)	28.125,00
SAFRAS & Mercado MILHO (quinzenal)	16.875,00
SAFRAS & Mercado ARROZ (quinzenal)	16.875,00
SAFRAS & Mercado CARNES (quinzenal)	16.875,00

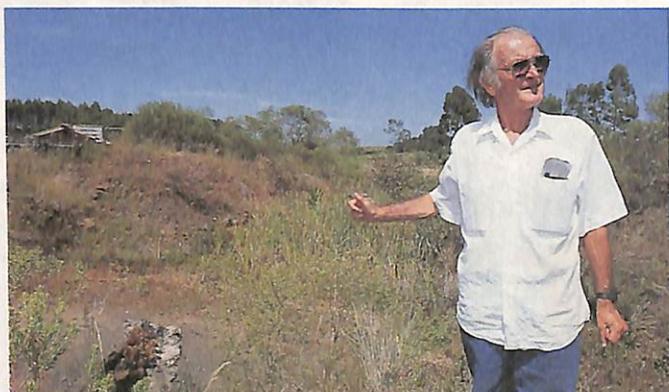
- ANEXO CHEQUE NOMINAL A: EDITORA SAFRAS LTDA.
Av. Otávio Rocha, 115/11º andar - CEP 90020-904 - POA - RS
- Cartão de Crédito nº _____ Validade: ____/____/____
Sistema Visa
- Se quiser ligue: (051) 224.7039

Nome: _____
Empresa: _____ Cargo: _____
Endereço: _____ CEP: _____
Cx. Postal: _____ Cidade: _____ UF: _____
Telefone: _____ Fax: _____ Telex: _____
Data: ____/____/____

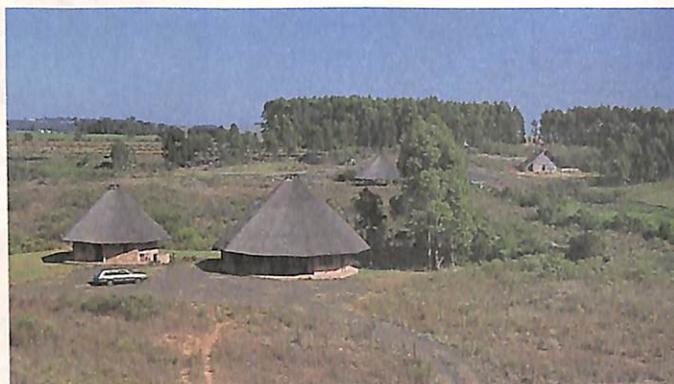
Preços Válidos Até 28 de Fevereiro de 1994

Assinatura _____

Rincão Gaia: o templo da agroecologia



Lutzemberger: no Rincão Gaia: "Lutz" defende na prática a visão agroecológica de mundo



Propriedade alternativa: o Rincão Gaia, localizado em Pantano Grande/RS, tem uma área de 30ha

A pouco mais de cem quilômetros de Porto Alegre, uma família de porcos vive de um jeito que, segundo seu dono, é como todos os animais deveriam ser criados. Nos 30 hectares do Rincão Gaia, no município de Pantano Grande, não só os suínos, mas as galinhas e vacas leiteiras, vivem em liberdade, no sistema de parques, com direito a ciscar e fuçar na lama o quanto quiserem. "Não me interessa se isso aqui produz menos. Sai mais barato, e o colono pode fazer sem usar o banco", afirma o engenheiro-agrônomo José Lutzemberger, presidente da Fundação Gaia.

No Rincão, onde mora parte do tempo, Lutzemberger e uma equipe de agrônomos e técnicos seguem os preceitos da agricultura ecológica e agora estão buscando formas de criação menos estressantes e com menor impacto sobre o ambiente. "Não existe nada pronto, tudo está sendo pesquisado aqui mesmo", conta o agrônomo Luis Fernando Wolff, coordenador do departamento técnico da fundação. Nesse trabalho de observação, a equipe constatou que os porcos reagem muito bem à alimentação com o conteúdo ruminal de bovinos, recolhido em um frigorífico do vizinho município de Rio Pardo. Os restos do matadouro são misturados com palha de arroz, para virar ração, e os animais recebem também muito verde. "Eles

adoram comer plantas aquáticas", revela o agrônomo Ricardo Schmitz.

As 170 galinhas são alimentadas com aguapés, ração e resíduos da horta. "Tentamos fazer um sistema de piquetes, mas, como elas são muitas, não estava dando certo. Então, cercamos a horta e resolvemos deixar as aves soltas", explica Wolff. O resultado do tipo diferente de alimentação é visível no esterco dos suínos. "Porco sadio tem esterco seco, que não junta mosca", define Lutzemberger. Para ele, a grande vantagem da criação em sistema de parques é que o porco pode respeitar sua natureza higiênica e jamais deitar-se sobre os próprios excrementos, o que se torna impossível nas granjas com sistema de confinamento. Além disso, a lama onde ficam mergulhados evita a presença de ectoparasitas, e a ingestão do barro favorece o trato digestivo. Sem problemas de saúde, os suínos recebem apenas vermífugo e deverão passar por um teste com lecitina de soja, para tratar as bicheiras, provocadas pelo ataque de um predador não-identificado, que feriu alguns animais.

Segundo a administradora da propriedade, Elizabeth Renck, tão cedo os suínos do Rincão Gaia não vão para o matadouro. Os animais, hoje ao redor de 160, estão em fase de multiplicação, com o objetivo de chegar a 300 matrizes. "Estamos fazendo um estudo para

saber nossos custos", diz Elizabeth. Mesmo sem os números, Lutzemberger não tem dúvida de que sejam menores do que em confinamento. "No sistema convencional, o custo de implantação é US\$ 1.000 por animal", afirma. "Com este dinheiro, compro um hectare de terra", compara.

A Fundação Gaia tem procurado trabalhar em conjunto com outras instituições e grupos de pequenos agricultores, para promover a agricultura ecológica. Com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a parceria já começou no ano passado, com a doação de mudas de plantas medicinais do Centro Agrícola Demonstrativo do município (CAD) aos assentamentos de Montenegro e Eldorado do Sul, assessorados pela fundação. Para este ano, está prevista a publicação de uma apostila sobre fitozooterapia, elaborada pelo médico veterinário César Avancini, do CAD, que também está fazendo o acompanhamento dos animais do Rincão Gaia.

Para mais informações sobre fitozooterapia:

Centro Agrícola Demonstrativo — Secretaria da Indústria e Comércio/PMPA, Estrada Bérico Bernardes, 2939, CEP 94465-000, Viamão/RS, fone (051) 485-1403.

Fundação Gaia — Rua Jacinto Gomes, 39, CEP 90040-270, Porto Alegre/RS, fone (051) 330-3567.

mergulhada em álcool por, no mínimo, 10 dias). Externamente, também se aplicam pomadas (banha de porco com cera de abelha e tintura da planta), unguentos (menos consistente que

a pomada, não leva cera) e vaporizações.

Avancini faz questão de deixar claro que, em alguns casos, como o de garrotilho (infecção no trato respirató-

rio em cavalos), não dispensa o uso de antibióticos, mas, de modo geral, eles são o último recurso terapêutico. Mesmo em outras espécies, eles podem ser usados, desde que se respeite o ►



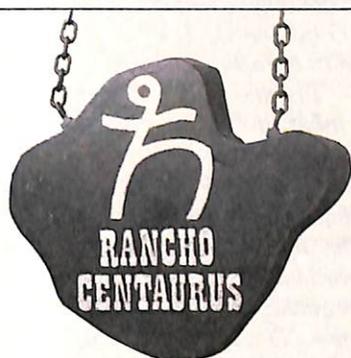
Uma só bandeira

a granja
A REVISTA
DO LÍDER RURAL



Há cinqüenta anos atrás nascia A GRANJA, uma revista dirigida ao setor rural. Isto, em 1944, em plena 2ª Guerra Mundial. Hoje, é a revista mais antiga do Brasil. Só isso já diz tudo.

Organização, eficiência, competitividade começam com a anotação de compromissos. Desta constatação nasceu a Agenda Centaurus. Para prestar um serviço ao homem do campo. É prática e útil. Tem calendário agrícola e pecuário. Tem quadro de conversão de medidas e dezenas de informações úteis para o segmento rural.



É o nome da empresa rural que usa os ensinamentos da revista A GRANJA. Há 23 anos passou a ser também um grande e permanente campo de provas, que dá respaldo prático aos ensinamentos jornalísticos d'A GRANJA.

É o anuário da revista A GRANJA. Tem a relação de todos os centros de pesquisa e entidades de classe. Também informa nomes e endereços de todas as empresas que produzem bens e serviços. Mostra ainda quem são os líderes do agribusiness, indicados através de pesquisa.

São quatro produtos produzidos por este selo de qualidade



SEMENTES DE FORRAGEIRAS

- Alfafa • Aveia Preta
- Aveia Branca • Azevém
- Capim Lanudo • Centeio
- Cornichão • Pensacola
- Trevo Branco • Trevo Vesiculoso.

SEMENTES PARA ADUBAÇÃO VERDES

- Ervilhaca • Tremoço e outras.

agronatura
SEMENTES

BR 116 - km 284 - Eldorado do Sul - RS
Rua Vitor Valpirio, 705 - B. Anchieta - POA
Fone/Fax (051) 343-7575

SILOS METÁLICOS SECADORES



MULTI
INDUSTRIAL

Rua Cap. Jacy da Silva Pinheiro, 1405
Cilo 3 - Cx.P. 981 - Fone: (043) 338-5000
Fax: (043) 338-5176
86.072-000 - Londrina-PR

CONSULTE-NOS

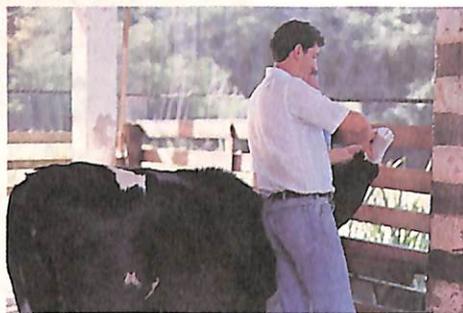
prazo de carência, explica. Isto é muito importante em animais que produzem leite, carne e ovos. Como regra geral, o veterinário recomenda a prevenção das doenças de duas maneiras: evitando sua ocorrência, com especial atenção às vacinas, e interrompendo sua evolução no ambiente e no corpo do animal, principalmente com a de-

sinfecção.

Mais do que uma questão sanitária, a independência de produtos industrializados e sintéticos estrangeiros significa, segundo Avancini, um avanço político e a valorização da cultura do povo. "Para mim, alta tecnologia é conhecer o ciclo biológico da mosca", exemplifica. 

Saiba como curar seus animais com plantas

Com meia dúzia de plantas comuns no Rio Grande do Sul e em outras partes do Brasil, o médico veterinário César Avancini consegue curar praticamente todas as doenças corri-



queiras que atingem os animais. Veja algumas receitas que podem ser providenciadas em casa mesmo.

Sarna e carrapato — Os parasitas desaparecem quando os animais são pulverizados com tintura de fumo diluída em água. O tratamento deve ser feito a cada 20 dias aproximadamente.

Mamite — Previne-se através da limpeza das mãos, do úbere e da ordenhadeira, com infusões desinfetantes, como a de carqueja. Como antiinflamatório, depois que o problema já está instalado, aplica-se pomada de tanchagem, ordenhando-se as vacas com maior frequência.

Vermínoses — O alho e a erva-de-santa-maria ou erva-das-pulgas (*Chenopodium ambrosioides*) são muito eficazes, tanto para o gado quanto para suínos e aves. Devem ser dados em infusão, para os animais beberem durante dois ou três dias. No último, é preciso dar um laxante, como óleo de rícino, babosa (a própria planta) ou fedegoso, também chamado de sene. É preciso cuidado, pois, em altas dosagens, a erva-de-santa-maria pode ser tóxica. Para vermes chatos (solitária), utilizam-se sementes de abóbora.

Timpanismo — Os gases causadores do problema são expelidos quando o animal toma uma mistura de infusão de sementes de linhaça e café.

Bicheiras — Para eliminar as larvas, aplica-se, no local, alho triturado misturado com azeite de oliva ou óleo

de soja.

Febre — Trata-se com uma decocção feita com casca de salgueiro.

Diarréia — É preciso descobrir a causa do problema. Nos terneiros e leitões, costuma ser de origem bacteriana e pode ser medi-

cada com infusão de sálvia. Também usam-se goiabeira e malva.

Parto distócico e retenção de placenta — Quando a fêmea tem dificuldade em parir ou eliminar a placenta, uma infusão de arruda facilita o trabalho.

Lesões na pele ou queimaduras — Nesses casos, aplica-se o suco da babosa, esfregando a planta cortada no local.

Problemas de garganta e pulmonares — É indicada a vaporização com uma bacia de água quente e folhas de eucalipto, enquanto o animal é mantido em lugar fechado.

Artrite em cavalos — Devem ser aplicados emplastos ou compressas à base de erva-de-bicho (*Poligonum persicaria*).

Tetos rachados — Poderoso cicatrizante, o confrei é usado em tinturas e pomadas neste e em outros tipos de lesões externas.

Piolho das galinhas — Um pedaço de fumo colocado nos ninhos elimina os intrusos.

Bronquite — O alho e a própolis são indicados nesse caso e como antimicrobianos em geral.

Cólica eqüina — É possível salvar o animal, com infusão de valeriana ou erva-doce.

Dores musculares — Especialmente em eqüinos, massageia-se a parte dolorida com tintura de alcanfor (planta de onde se extrai a cânfora), ou alfazema.



Mercado consumidor necessita de produto selecionado

O uso de chás medicinais vem conquistando um grande número de pessoas. Entretanto, especialistas questionam a qualidade dos produtos que estão à venda

Carolina Bahia

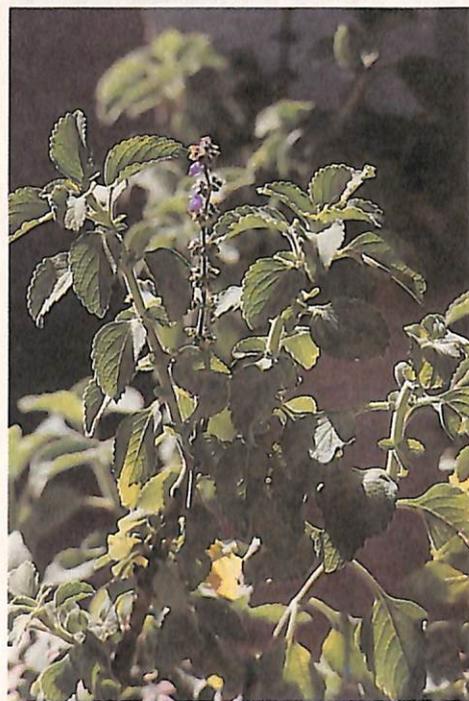
Com a utilização cada vez mais freqüente de ervas medicinais no tratamento de doenças, agrônomos e fitoterapeutas têm uma preocupação constante: a origem das plantas. Quando cultivadas no próprio quintal, a segurança quanto à qualidade é maior, mas como ter certeza de que os chás, geralmente oferecidos em caixinhas, estão em condições de ser consumidos? O professor da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) Ling Chau Ming reclama da inexistência de controle sanitário. "O ideal é que os produtores façam ficha agrônômica", sugere. Já o gerente de comercialização da Ervateira Schüür, Aroldo Schüür, em atividade há 60 anos no ramo de ervas, garante a excelência dos chás Prenda Minha.

A Ervateira Schüür, no distrito de Giruá, a 503 quilômetros de Porto Alegre, trabalha com 22 diferentes tipos de chás. No entanto não se restringe à comercialização. Cerca de 150 hectares estão cultivados com as mais diferentes ervas. A erva-mate fica com 70 hectares, o chá preto, com 40, e a camomila, a cidreira e a carqueja ocupam a área restante. Erva-doce, canela, cravo e catuaba são comprados a granel de São Paulo, o boldo vem do Chile, e a maçã, de Flores da Cunha. A produção total é de 5 toneladas de chás por mês. "Controlamos de perto os nossos chás", explica.

Consumo — Em Porto Alegre, se concentra o maior consumo dos produtos da fábrica. Mas a Schüür também

abastece São Paulo, Pernambuco, Macaíó e Bahia. Hoje, 80% do faturamento está ligado às novas ervas. Segundo Aroldo Schüür, a mistura nos chás leva ao surgimento de novos tipos de sabores, com excelentes resultados. Para evitar problemas com a qualidade, as plantas são secadas e ressecadas antes da embalagem. As mais sensíveis, como a camomila a cidreira e a carqueja, são colhidas manualmente, usando em média 10 pessoas para o trabalho.

A multinacional alemã Weleda, fabricante de medicamentos, chás e cosméticos naturais, está no mercado brasileiro há 20 anos e comercializa, em mais de 1.000 revendas em diferentes Estados, cerca de 800 produtos. Ao contrário da concorrente gaúcha, as suas ervas são vendidas somente a granel. Existe ainda o cuidado com as embalagens. "Afim de contas, trata-se de produtos medicinais", justifica o gerente de marketing, Heitor Targa. As ervas são fornecidas pela Fazenda Estância Demétria, localizada em Botucatu/SP, que cultiva desde mil-folhas a urtiga, num total de 27 diferentes tipos. Além disso, a Weleda possui uma equipe de médicos que produz os remédios e os chamados chás compostos. Esses, através da mistura de ervas, são usados para curar doenças específicas.



Fotos: Luiz Fernando Lemmert

Boldo Nacional (Coleus barbatus)

Atenção para a diferença desse boldo, muito encontrado no Brasil, para o chamado legítimo, natural do Chile. O nacional também é conhecido por malva-santa, tapete-de-oxalá e setedores. Planta de clima tropical, é um subarbusto perene de até 1,5 metro de altura, com ramos quadrangulares.

Essa erva é indicada para a azia e má digestão. As folhas, secas ou frescas, podem ser usadas na infusão. A receita é

simples: uma colher de chá de folhas secas ou uma colher de sopa de folhas frescas picadas, para uma xícara de chá de água fervente. ►



TELEFONIA RURAL AUTOMÁTICA

PAGTO APÓS INSTALAÇÃO



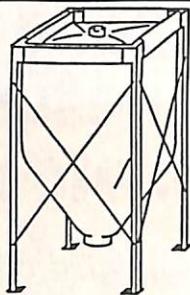
EMCO COMUNICAÇÃO INSTANTÂNEA

VIA TELEFONE SEM UTILIZAÇÃO DE POSTES NEM FIOS

ESTAMOS SELECIONANDO REPRESENTANTES

EMCO Com. Represent. e Exportações Ltda.
R. Hellodora, 340 - Santana - 02022 - São Paulo - SP
PABX 298-4855 e FAX 267-2790

SILO 25 ton REGADOR



EM LOÇA DE TREVIRA P/RAÇÕES - CEREAIS

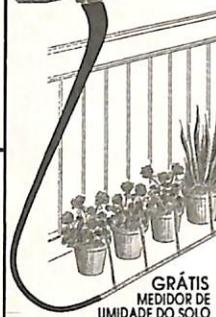
ORDENHADEIRA "PEÇAS IMPORTADAS"
- COMPARE N/PREÇOS -
++ JOGO DE 4 TETEIRAS ++
ALFA LAVAL - WESTFALIA
US\$ 8,50 + 4,00 CORREIO AÉREO
MIAMI - BRASIL



R. Sergipe, 475 - 6ª A - CEP 01272-900
Tel: (011) 256 0855 - Fax: (011) 214 8060



AUTOMÁTICO REGA ATÉ 50 VASOS OU CANTEIROS
US\$ 158,00
POSTO S.PAULO PRONTA ENTREGA



GRÁTIS MEDIDOR DE UMIDADE DO SOLO

NEWMAQ

FAÇA FENO ! Um ótimo negócio.

Conjuntos de Fenação nacionais e importados, novos e usados, peças, assistência técnica e fios de sisal para enfardadeiras.

SODE - NOGUEIRA - MAINERO
NEW HOLLAND - MENEGAZ - SEMEATO

FALE COM QUEM ENTENDE

Newmaq Comércio e Representações Ltda.
Fones: (011) 34 7704 - Fone/Fax: (011) 35 2913

PARA ANUNCIAR AQUI DISQUE PARA:

RIO GRANDE DO SUL E
SANTA CATARINA (051)233 1822
PARANÁ (041)222 1766
SÃO PAULO (011)220 0488
RIO DE JANEIRO (021)256 8724
BRASÍLIA (061)225 6448 e 225 5934

- AD VB**
- 1- CURSO Produto e Mercado
 - 2- SEMINÁRIO Comunicação interna
 - 3- PROJETOS ESPECIAIS:

- Estratégias para geração de negócios
- Técnicas de alto impacto para motivar pessoal de vendas

CULTURA O ANO INTEIRO

Fone: (051) 221.2744 - Fax: (051) 227.5283

TRIMETAL ESTRUTURAS METÁLICAS



PROJETO - FABRICAÇÃO
MONTAGEM GALPÕES:
INDUSTRIAIS, COMERCIAIS,
AGRICOLAS, ETC.

FONE/FAX: (0196) 61-3757

TECNOLOGIA NA INDUSTRIALIZAÇÃO DE POSTES DE MADEIRA

É o que a ICOTEMA emprega no tratamento da madeira do eucalipto para postes e mourões com todas as dimensões e padrões.
CONSULTE-NOS



INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TRATAMENTO DE MADEIRAS LTDA.

MATRIZ TEL. (011) 409-2611 TELEX 11 798 15
FAX: (011) 783-0269 - Av. Eng.º Gianni Palanga, 191 - Itú - São Paulo
ESCRITÓRIO TEL. (011) 826-5188
São Paulo - SP

telamax

INDÚSTRIA E COMÉRCIO FABRICAÇÃO PRÓPRIA
TELAS GALVANIZADAS - INSTALAÇÕES COMPLETAS PARA CHACARAS - CAMPOS DE FUTEBOL QUADRAS ESPORTIVAS - GRANJAS - MOURÕES DE CONCRETO - SERRALHERIA

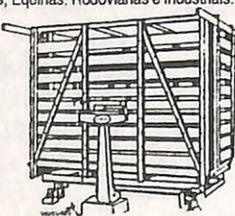
FONE - FAX (0196) 61-3338 / 613380

BALANÇAS

QUALIDADE QUE PESA EXATO DESDE 1951
BALANÇAS: Bovinas, Suínas, Equinas, Rodoviárias e Industriais.
Troncos (Bretes)



(0188) 212555
DRACENA/SP



OPORTUNIDADE

MARCHIGIANA

A raça gigante ideal para cruzamentos

Tourinhos de 6 a 14 meses de idade, de mães e pais altamente selecionados, estão à venda.



Informações:
Fone: (051) 233-2544
Porto Alegre/RS



Fig.1

STABRA
IND. IMPLM. AGRICOLAS

Máquinas para feno e assistência técnica como você precisa. Alta produção e tecnologia há mais de 12 anos ao lado do homem do campo.
Consulte-nos

Holambra - SP - Caixa Postal 131
Cep 13.825-000 - Fone: (0192) 60.1258
Fone/Fax: (0192) 60.1131



Fig.2

Aos adultos, o engenheiro-agrônomo da Embrapa Roberto Vieira aconselha uma xícara após as refeições.

A propagação é feita através de estacas da planta-mãe com cerca de 25 centímetros. A estaca poderá ser plantada diretamente nas covas, desde que não haja deficiência de água para enraizar. Ela se adapta a quase todos os tipos de solo.

Pode-se adotar o espaçamento de 1 metro entre as plantas e 1 metro entre as fileiras. O plantio deve ser feito no período chuvoso, enterrando as estacas em covas, em uma posição ligeiramente inclinada. A colheita se inicia seis meses após o plantio.



Capim-cidró (*Cymbopogon citratus*)

Planta cultivada em várias partes do mundo, o capim-cidró ou capim-santo, como também é conhecida, é de origem indiana. Recomendada para cefaléia tensional, cólica abdominal e gases intestinais, é usada ainda para nervosismo e insônia. Essa erva perene vai até 3 metros de altura, formando touceira compacta, colmo ereto, simples e ramificado. Obtêm-se as mudas através da divisão de touceiras. O plantio deve ser entre março e abril e de fins de agosto à outubro. É importante que não haja deficiência de água para melhor enraizamento. O espaçamento é de 60 centímetros entre as linhas, e de 30 a 50 centímetros entre as plantas. A colheita acontece seis meses após o plantio, mas a do primeiro ano apresenta baixo rendimento. As plantas são cortadas 10 centí-

metros acima do solo, pois rebrotarão novamente. O rendimento chega a 10.000kg/ha.



Guaco (*Mikania glomerata*)

O guaco é nativo do Sul do Brasil. Também denominado cipó-caatinga ou coração-de-jesus, é uma trepadeira perene. As folhas frescas são inodoras, porém, quando secas ou durante a fervura, possuem odor aromático agradável. As flores são hermafroditas, reunidas em número de quatro, em capítulos iguais entre si, de coloração branco-creme. A propagação acontece por via de estacas com cerca de 25 centímetros. Colocar uma estaca para enraizar na sementeira ou plantar em local definitivo.

Essa planta se adapta a qualquer tipo de solo, mas prefere os úmidos argilosos e ricos em matéria orgânica. A luz deve ser plena ou meia sombra. O plantio é feito em covas, durante todo o ano, de preferência no período chuvoso. E a colheita pode ser realizada em qualquer época, iniciando seis meses após o plantio, de preferência no fim do inverno.

Quem não ouviu falar dos xaropes com guaco? Pois eles servem exatamente para curar males como asma, bronquite e tosse. Basta usar uma colher de chá de folhas secas ou uma de sopa de folhas frescas picadas, para uma xícara de chá de água fervente. Para os adultos, é recomendável uma xícara de chá três vezes ao dia. No caso de crianças, de 6 meses a 3 anos, a mesma medida, consumida no decorrer do dia.

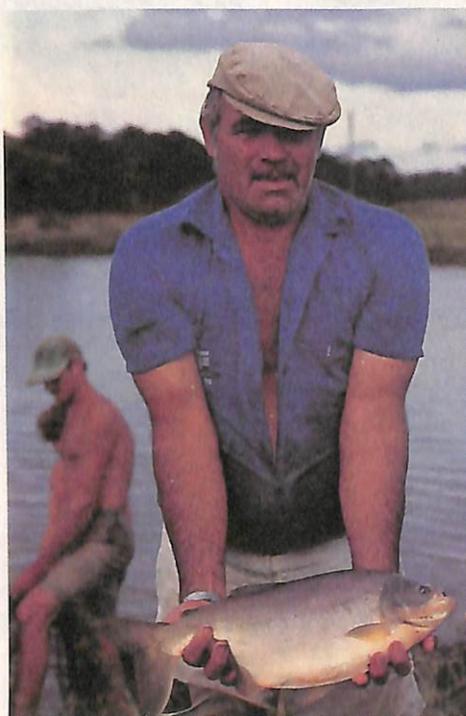


Camomila (*Matricaria chamomilla*)

Uns chamam de maçanilha outros marcela-nobre. De uma maneira ou de outra, a camomila é uma das ervas mais populares, tanto pelos seus efeitos medicinais quanto pelos estéticos. Muitas mulheres a utilizam para clarear os cabelos, e as avós usam o chá para curar cólicas, gases intestinais, nervosismo e até dor de garganta. Segundo as crendices populares, se plantada ao redor da casa afasta a inveja e o olho-grande. A camomila é originária da Europa e veio para o Brasil trazida pelos imigrantes.

Essa erva anual atinge até 50 centímetros de altura, tem o caule ereto e ramificado. A propagação se dá através de sementes, que podem ser semeadas em canteiros, sendo cobertas com uma fina camada de terra ou comprimidas contra o solo. Para melhor distribuição, é aconselhável misturá-las com areia fina.

A camomila prefere os solos argilo-arenosos, soltos, férteis e úmidos de várzea. Os sulcos devem ter espaçamento de 50 centímetros entre linhas e 20 centímetros entre as plantas, podendo ter pouca profundidade, para que a luz chegue com facilidade à planta. A época de plantio é entre julho e agosto, devendo ser evitado nas épocas quentes no ano. A colheita é para três a quatro meses após o plantio, de preferência em dias secos, no início da manhã ou final da tarde. As flores devem ser colhidas sem talos ou quando estiverem bem desenvolvidas. ☞



Coma mais peixe

Para incentivar o consumo de pescado em Santa Catarina, que, sobretudo na região oeste, é baixo, o técnico Édson dos Santos, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento/SC, escreveu o livro "Receitas com Peixes" (Boletim Didático nº 3). A publicação tem 21 páginas e traz receitas de peixes de mar e de água doce. Esta iniciativa procura mostrar, através dos extensionistas, as alternativas de processo e preparo de pratos à base de pescado, proporcionando uma melhoria de renda e da própria matéria-prima disponível. As pessoas que estiverem interessadas em adquirir a publicação devem ligar para (0482) 34-0066, ramal 343.

Contabilidade rural

O "Manual de Orientação Contábil às Sociedades Cooperativas — Agropecuária", está sendo lançado pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), objetivando adaptar essas organizações aos princípios contábeis

modernos, dinâmicos, precisos e completos. Entre os tópicos abordados, estão a nova nomenclatura do Sistema OCB; contabilidade nas sociedades cooperativas; legislação cooperativista fiscal e tributária; normas brasileiras de contabilidade; controles internos; plano de contas; demonstrações contábeis e balanço patrimonial. Os pedidos são atendidos através do fone (061) 225-0275.

Consultas técnicas

Um atendimento maior à agricultura é o que pretende a Pfizer, através da chamada "Força Agrícola", composta por um gerente-técnico e três engenheiros-agrônomo em condições de prestar quaisquer tipos de informações sobre os produtos comercializados pela empresa. Esse serviço de assessoria ao agricultor é reforçado por palestras técnicas, divulgação e atualização de informações úteis à produção. Além disso, são desenvolvidas pesquisas agronômicas junto a instituições privadas e oficiais, entre elas o Instituto Biológico de São Paulo, Instituto Agrônomo do Paraná, Universidade Federal de Viçosa e de Lavras, em Minas Gerais. Outras informações o agricultor obtém ligando gratuitamente para (0800) 11-1919, (9011) 940-1938 e 940-7281.

Aves e suínos, os mais comilões

Foi detectado um incremento de 5% na oferta de rações para animais no levantamento feito pelo Sindicato Nacional da Indústria de Rações Balanceadas (Sindirações). Em 93, foram produzidos 19,1 milhões de toneladas, contra 18,2 milhões em 92 (17 milhões em 91; 15,6 milhões em 90; 14,2 milhões em 89). A avicultura segue sozinha na liderança, como a mais significativa para o setor, representando 63% do mercado. Em seguida, aparecem os suínos, com 24%;

bovinos, 8%; eqüinos, 3%, e cães, gatos, pássaros e peixes com 1%.

O presidente do Sindirações, Fernando Dias, acredita que, neste ano, haverá uma melhoria das condições de mercado, gerando uma maior demanda por proteína animal. A pecuária leiteira, analisa o dirigente, merece uma atenção especial da indústria devido ao seu tamanho. "Embora a produção média por animal seja de apenas 3kg/dia, é uma atividade que tende a crescer bastante, especialmente após o fim do tabelamento de preços. A avicultura e a suinocultura são clientes tradicionais."

Agribusiness internacional

De 21 a 31 de março, acontecerá em Miami, EUA, no Hyatt Regency Miami, o "Agribusiness Management". Nessas duas semanas, serão realizadas palestras por autoridades do agribusiness do World Trade Institute e do setor privado, bem como especialistas internacionais em alimentação.

O programa focalizará produtos agrícolas não tradicionais, como frutas *in natura* e processadas, vegetais e ervas, frutos do mar frescos e congelados e flores e plantas ornamentais. O objetivo principal é levar aos administradores e exportadores do setor informações consideradas essenciais para atingir o sucesso, através da maximização de sua produção, comercialização e capacidade exportadora. Entre os temas desenvolvidos, constam: Visão geral do agribusiness; Produção e novas tecnologias; Transporte; Pestes e pesticidas; Produtos orgânicos; Novidades e informações do mercado e Preparação para exportação.

Para maiores informações, escrever para Vincent Seglior, The World Trade Institute, One World Trade Center, 55W, New York, NY 10048, USA. O telefone é (212) 435-3175, e fax (212) 321-3305 e 435-29095.

As chances de um choque agrícola em 94

O ano comercial agrícola que inicia está se mostrando bastante favorável aos produtores rurais brasileiros. Pelo menos para aqueles que estão colhendo uma boa safra e que conseguiram segurar seus custos de produção dentro de um limite razoável. Praticamente todos os principais grãos estão com bons preços ou, no mínimo, com boas perspectivas de preços, prometendo uma boa média para aqueles que programarem corretamente a sua comercialização desde o início do ano.

O ano só não se apresentará ainda melhor porque a safra, com raras exceções, não será cheia. E esta é, afinal, uma das razões para os preços promissores (a outra sendo a elevação dos preços internacionais em decorrência de frustrações de safras no Hemisfério Norte). Essa realidade, de um inevitável aperto na oferta interna em 94, se, de um lado, indica preços bons para os produtores, de outro nos remete a algumas preocupações e à necessidade de certos cuidados básicos na programação de venda desta safra. Até porque, na outra ponta do mercado, está um consumidor descapitalizado, e no meio do processo, um governo decidido a controlar a espiral inflacionária.

Vejamos o que acontece. A maioria dos chamados produtos básicos para o abastecimento interno inicia o ano comercial com estoques baixíssimos. Além disso, a safra total de grãos, que o governo, em dado momento (e de maneira infundada) chegou a imaginar num recorde de até 75 milhões de toneladas (falou-se até em 90 milhões, mas foi apenas um lapso de um dos infundáveis ministros da Agricultura que passaram por este governo), seguramente não vai chegar sequer a 70 milhões, mesmo que sejamos otimistas com a futura safra do Nordeste. Prudente, hoje, seria falarmos em algo entre 66 e 69 milhões.

A maioria dos principais grãos —

com a possível exceção da soja — está com aperto na oferta. Alguns por redução de área plantada, como o arroz e o milho; esses e outros também por problemas climáticos. De um modo geral, considerando-se a situação dos estoques de passagem e as perspectivas da nova colheita, todos os principais grãos de abastecimento doméstico estarão com oferta muito ajustada, se não deficiente. Isso vale para arroz, feijão, milho e trigo.

Essa é, enfim, uma das razões para a atual realidade de bons preços para os produtores. A outra razão vem de fora e herdada do ano que passou. Alguns desses produtos — e aqui se insere a soja — tiveram frustrações de safra em outros países, elevando os preços do mercado internacional, e com isto influenciando também, via paridade, os preços do mercado interno. É o caso do arroz, por exemplo, que teve quebra na safra de alguns importantes países asiáticos, como o Japão, mais o milho e a soja, esses com frustrações severas na safra do maior produtor mundial, os EUA, como decorrência das inundações que assolaram as lavouras americanas na metade do ano passado.

Oferta apertada no Brasil, somada a oferta apertada no exterior, resulta em preços elevados no Brasil e no exterior. O que nos remete a algumas conclusões. Em primeiro lugar, a equação parece altamente favorável aos produtores, salvo, evidentemente, para aqueles que tiveram suas safras frustradas ou custos aumentados em decorrência de replantios. Com efeito, isso aparentemente deixa o produtor numa posição relativamente confortável do ponto de vista de que a suplementação do abastecimento interno via importações, se necessária (e será), vai deparar-se com preços

igualmente elevados no exterior, e, portanto, balizadores para a manutenção de preços elevados no mercado doméstico. Essa é, pelo menos, a teoria. Na prática, pode não ser exatamente assim.

Vejamos o outro lado da moeda. Estamos com uma inflação insuportável e em meio a um plano gradual, mas incisivo, de sustação, se não de redução substancial, da espiral dos preços. Além disso, é um ano eleitoral. Ficará o governo impassível diante de um quadro de suboferta de alimentos e preços em alta acelerada?

A resposta sincera só pode ser: não. Verdade é que o governo e o País não estão em condições de subsidiar coisa alguma. Mas não se pode duvidar da possibilidade de o governo vir a recanalizar recursos e lançar mão de importações subsidiadas e até de bancar um congelamento, ainda que temporário, de modo a segurar um eventual choque no abastecimento.

Essa é uma perspectiva possível, e todo produtor deve estar atento a isso, programando com muito cuidado sua comercialização, para evitar eventuais surpresas. A próxima entressafra promete bastante em termos de preços, mas seria prudente não apostar tudo nela. Lembrar-se que, então, os preços poderão estar em baixa no mercado internacional, diante da provável recuperação das safras setentrionais. Vender alguma coisa antecipadamente e diluir com cuidado o restante (evitar excessiva concentração durante o período de colheita) parece a melhor política. Recomenda-se ainda, em especial para os produtores de soja, muito cuidado com os contratos em dólar, principalmente para pagamento futuro. O novo indexador cambial, rigidamente controlado, abre frestas para algum tipo de congelamento ou prefixação, para conter eventual explosão inflacionária, o que pode intensificar perdas na variação do câmbio em relação à inflação.

Silmar C. Müller



Empurrão japonês decola maçã

A produtividade dos pomares catarinenses com maçã bateu nos 20 mil kg/ha, o maior do Brasil. Esse patamar foi alcançado com o emprego de cultivares de extrema qualidade e adaptabilidade, como é o caso da variedade Fuji, atualmente a mais difundida no País. Um convênio científico firmado entre Santa Catarina e o governo japonês, através da Japan International Cooperation Agency, também tem sua parcela de responsabilidade no resultado atingido.

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento/SC está ultimando um novo tratado com os nipônicos, igualmente visando o lado científico e tecnológico, para que os estudos com a cultura da maçã não cessem. O acordo terá a duração de cinco anos e prevê a assessoria de dois especialistas japoneses no chamado longo prazo. Por outro lado, em regime de tempo mais curto, abrangendo dois meses, para áreas específicas. Todos os custos correrão por conta do Japão, inclusive pesquisadores brasileiros serão contemplados com treinamento neste país. Além disso, haverá doação de equipamentos de pesquisa para uso dos técnicos, com valores estimados em US\$ 2 milhões.

O raio X da folha

Conhecida por análise foliar, a avaliação de tecidos vegetais em plantas frutíferas, como macieira, pereira, pessegueiro, ameixeira e videira, é um serviço que o Laboratório de Fisiologia e Nutrição Vegetal, da Estação Experimental de Caçador/SC, está oferecendo aos produtores interes-

sados. Este método é mundialmente considerado como o ideal para conhecer o estado nutricional das frutíferas.

Para o pesquisador Atsuo Suzuki, o estudo foliar serve para o embasamento da recomendação do emprego de adubos para o desenvolvimento equilibrado das fruteiras, aliado a dados sobre solo, idade das plantas, crescimento vegetativo, produção, práticas culturais (raleio e poda), fitossanidade, manejo e adubações anteriores. Suzuki destaca que, para o fruticultor avaliar corretamente a situação geral da árvore, é necessário que se proceda à coleta e preparo das amostras seguindo as recomendações específicas de cada cultura.

A amostra deve ser formada de aproximadamente 100 folhas inteiras com pecíolo, normais e sadias, composta de pelo menos 20 plantas representativas e distribuídas aleatoriamente no pomar ou vinhedo. Para o caso específico da uva, a parte a ser avaliada são os pecíolos, eliminando-se os limbos. A época ideal para coleta é a seguinte:

* Macieira e pereira: de 15 de janeiro a 15 de fevereiro, nas condições

do Planalto catarinense e Sul do Brasil. Apanhar as folhas da parte mediana das brotações do ano;

* Pessegueiro, nectarina e ameixeira: entre a 13ª e 14ª semanas após a plena floração;

* Videira: de 15 de janeiro a 15 de fevereiro para as regiões vinícolas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O viticultor deve pegar o pecíolo da folha madura mais nova do ramo do ano, isto é, a mais próxima da extremidade e que tenha completado o crescimento. É importante não esquecer de lavar o material, bem como acondicionar adequadamente, para que chegue ao laboratório em boas condições. Informações pelo fone/fax (0496) 62-1211 ou 62-1142.

Novas opções

Os produtores interessados em diversificar a produção têm agora à disposição novos materiais de ervilha, lentilha e grão-de-bico adaptados às condições do Cerrado brasileiro, até então restritos à Região Sul. O Brasil não dispõe de cultivares nacionais desses produtos, sendo obrigado a importar quantidades cada vez maiores e a preços elevados. Quem está à frente dos estudos é o Centro Nacional de Pesquisa de Hortaliças (CNPH), da Embrapa, em Brasília.

O grão-de-bico comercializado no País, por exemplo, é importado. O Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) desenvolveu o cultivar Marrocos, que não teve boa aceitação no mercado devido ao reduzido tamanho do grão. Já o cultivar Cícero, trabalhado no CNPH, além de ter grãos maiores, é bem mais produtivo. Em relação à lentilha, conta o pesquisador Warley Nascimento, o produto é resultante de melhoramento de um material oriundo da Argentina, tendo excelente desempenho. Com características de precocidade — colheita aos 120/130 dias — e produtividade de 1.500kg/ha, o Silvina igualmente é mais atrativo comercialmente por ser maior do que os existentes no mercado, e de maior competitividade frente aos materiais importados.

Trigo de duplo propósito está no forno

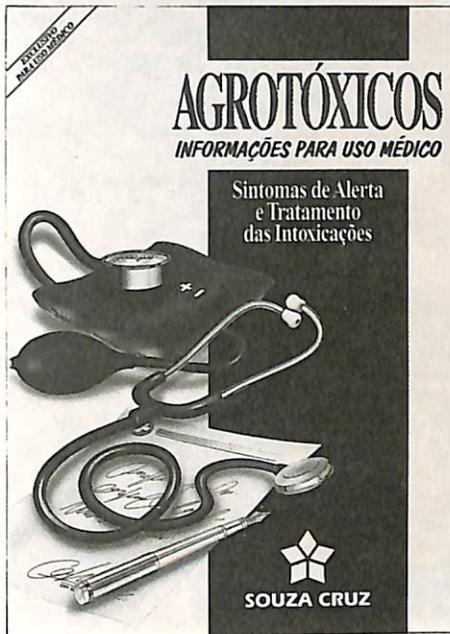
Uma nova visão de propriedade agrícola abre espaços para culturas de duplo propósito, que servem para pastoreio de animais antes da produção do grão. Isto vem ocorrendo com trigo, aveia, cevada e triticale, plantas de ciclo vegetativo mais longo, onde o gado se alimenta e não remove o ponto de crescimento da planta, permitindo o rebrote e o conseqüente desenvolvimento normal da lavoura.

O trigo hoje cultivado é de ciclo curto, o que inviabiliza o pastejo. Atento às novas demandas da agropecuária brasileira, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), da Embrapa, em Passo Fundo/RS, está buscando cultivares que arressem a fase vegetativa mais longa, porém com a mesma época de colheita dos demais. O pesquisador Leo de Jesus Del Duca acredita que a integração lavoura-pecuária, através do emprego do trigo de duplo propósito, poderá ser uma opção vantajosa. "Além de conservar o solo, reduz as perdas de nutrientes e os danos ecológicos; otimiza a produtividade; tem maior chance de escapar da geada; diversifica o emprego de cultivares e épocas de plantio; é favorável à sucessão com culturas de verão e, ainda, serve para produzir grão, pastoreio e silagem", avalia Duca.

Percevejo temperado

Inseticida associado ao sal de cozinha, para controle de percevejos da soja, tem sido a receita utilizada em um trabalho bastante ecológico que a Embrapa de Dourados/MS vem implementando. O entomologista Crébio José Ávila explicou que o sal exerce uma ação estimuladora, que leva o percevejo a se contaminar com o inseticida. Isso reduz em 50% a quantidade de produto químico a ser usado no seu controle, garante. "Cerca de 60% dos produtores de Dourados adotam o sistema, evitando anualmente o despejo de 33 mil litros de agrotóxicos, preservando o meio ambiente. Essa realidade, se extrapolada em nível estadual, representaria uma economia de 360 mil litros de agrotóxicos/ano."

Os interessados no programa podem ligar para (067) 421-0411 ramal 138.



Emergências em agrotóxicos

O livro "Agrotóxicos — Informações para uso Médico", editado pela Souza Cruz, está sendo enviado gratuitamente a 12 mil médicos e a hospitais nos três Estados do Sul. Esse trabalho faz parte de um programa da empresa que começou no campo, dando orientações aos agricultores sobre o uso correto de agrotóxicos e, agora, chega à cidade, auxiliando no atendimento médico. O manual especifica a conduta básica no diagnóstico de intoxicações.

O material descreve, em 74 páginas, os sintomas de alerta, indicando o tratamento para intoxicações agudas com todos os agrotóxicos registrados no Brasil. Para facilitar o diagnóstico, um dos capítulos apresenta uma lista das principais culturas agrícolas sulinas e dos produtos empregados nestas lavouras, com informações úteis, tais como o ingrediente ativo, grupo químico e classe toxicológica. Os profissionais envolvidos na orientação e no atendimento aos produtores rurais que não receberam seus exemplares podem solicitá-los junto ao Depto. de Fumo da Souza Cruz, na Rua Candelária, 66, 10º andar, Cx. Postal 160, CEP 21050-450, fone (021) 281-6122, Rio de Janeiro/RJ.

Pioneer transfere tecnologia

Por meio de seu Departamento de Serviços Agronômicos, a Pioneer Sementes Ltda. está desenvolvendo, em diversos Estados brasileiros, a segunda edição do dia de campo denominado "área pólo Pioneer". O projeto visa à demonstração prática de técnicas de manejo utilizadas nas culturas de milho, sorgo, alfaça, as quais podem influir diretamente nos resultados de produtividade. Segundo o coordenador do projeto, agrônomo Cláudio Miranda Peixoto, algumas áreas estratégicas foram escolhidas para dar ênfase a temas específicos, como irrigação, silagem de milho e alfaça, plantio direto na cultura de milho e rotação de culturas.

Maiores informações podem ser obtidas no Departamento de Comunicação da Pioneer, através do fone (051) 711-3733 ou fax (051) 713-2373.

Prêmio Kepler Weber de Armazenagem

A grande repercussão do I Prêmio Kepler Weber de Armazenagem, em 1993, com a apresentação de aproximadamente 300 trabalhos em pesquisas de pré-processamento na agroindústria, provenientes de todo o País, foi motivo de grande satisfação para a empresa e garantiu a segunda edição do concurso. Novamente será propiciada a oportunidade dirigida a estudantes, pós-graduados e profissionais da Engenharia Agrícola e Agronomia, para a apresentação de descobertas científicas relativas aos itens: Economia e Administração de Armazenamento; Tecnologia e Tratamento de Granéis Sólidos.

Os trabalhos deverão ser entregues até o dia 20/05/94, e informações podem ser obtidas pelo fone (051) 341-1044, ou pelo fax (051) 341-2578.

A premiação dos escolhidos acontecerá no mês de julho, durante o XXIII Congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola, na Unicamp, em Campinas/SP.



Ovo dá mais

Em 93, a avicultura brasileira teve um desempenho considerado razoável. O segmento de frango de corte bateu um recorde, ao produzir 3,14 milhões de toneladas, uma oferta 8% superior a de 92, que foi de 2,87 milhões de toneladas. Os números das exportações se repetiram, isto é, situaram-se em torno de 370 mil toneladas, gerando uma receita de aproximadamente US\$ 430 milhões. Já o produtor de ovos fez com que a produção caísse em mais de 10%, passando de 1,18 bilhão de dúzias para 1,05 bilhão, estratégia que permitiu uma boa remuneração.

Termômetro da sujeira

O decréscimo das perdas por morte de leitões com diarreias transmitidas pelas moscas, a diminuição de peso e leite das porcas, ocasionada por estresse, sem contar o maior conforto e saúde do produtor, pela eliminação desses insetos, é o que pode resultar com a aplicação da técnica de manejo integrado dos dejetos. Esse trabalho foi realizado, junto a 200 propriedades, pela veterinária Doralice Pedroso, do Centro Nacional de

Pesquisa de Suínos e Aves (CNPASA), da Embrapa de Concórdia/SC.

Doralice garante que as falhas de condução no criatório detectadas em sua pesquisa podem ser solucionadas sem elevar os custos de produção. O principal problema constatado foi a permanência do esterco nas canaletas das pocilgas, exposto à postura e criação de moscas. A simples manutenção de uma lâmina d'água de uns 10cm nesses locais, além de evitar a proliferação dos insetos, facilita a remoção do estrume para as esterqueiras.

A falta de recursos, destacou Doralice, se constituiu no motivo apresentado por 41,7% dos produtores para a não-adoção de quaisquer formas de manejo do esterco. "Existe a necessidade de uma assistência técnica mais efetiva, levando informações e apoio na área de construção e na conscientização do criador quanto aos riscos e prejuízos que advêm da inobservância de medidas eficazes", recomenda a pesquisadora.

Appaloosa

Wilson Lemos de Moraes Júnior acaba de ser empossado como novo presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Appaloosa. Por outro lado, o Núcleo Sul também mu-

dou a diretoria, tendo à frente, desde novembro, Ivan Dias de Mello, e, como vices, Celso Quintanas Leães e Leo Soares Lucas.

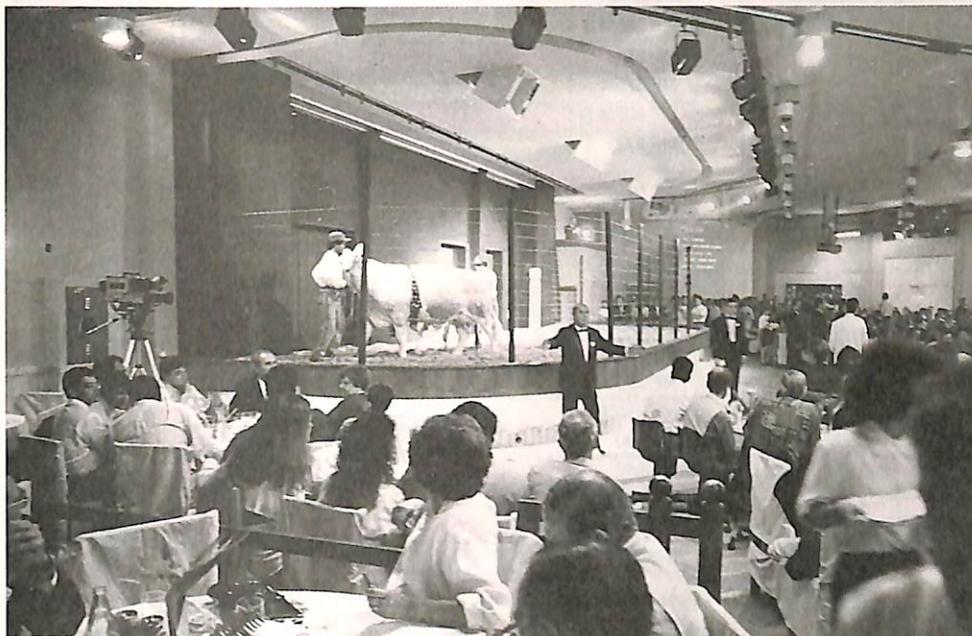
Charolês ganha espaço

Com uma média de registro anual de dez mil animais nos últimos cinco anos, a raça de gado de corte charolês, cuja maior concentração está no Rio Grande do Sul, começa a ser encontrada em quase todos os Estados, como SC, PR, GO, MS, MT, BA, RJ e PA. O presidente da Associação Brasileira de Criadores de Charolês, Mauro Weiand, informa que, no ano passado, a raça faturou US\$ 2,7 milhões, com a venda de 2.003 cabeças, entre machos e fêmeas, de bezerras a animais adultos PO e PPC. A média ficou em cerca de US\$ 1,4 mil.

O dirigente faz questão de salientar que o trabalho da entidade não fica restrito à comercialização, mas estende-se ao plano técnico. Nesse sentido, são realizados dias de campo, com a finalidade de manter atualizados os técnicos e criadores. "Agora daremos atenção especial a maior divulgação e difusão da raça, sempre em busca de novos criadores", avaliou Weiand.

Fomento jersey

A Associação dos Criadores de Gado Jersey do Brasil quer dar continuidade ao trabalho de desenvolvimento da raça, chegando junto ao produtor. Para tanto, vem aprimorando uma série de serviços, como o "SOS Criador", que é uma linha direta exclusiva da entidade com o jersista, através da qual são fornecidas informações de registro, manejo, alimentação, sanidade, entre outras; o "Banco de Negócios Jersey", que se constitui numa seleção de oportunidades de negócios; a revista "A Raça Jersey", uma publicação bimensal de fomento, com artigos técnicos e informações nacionais; e a descentralização, passando várias atribuições às entidades estaduais e núcleos.



Competição: para estimular os negócios, os leilões de elite estão inovando em termos de tecnologia

Leilões esfriam no verão

Fevereiro está aí. Época dos criadores de animais de elite, como outros brasileiros, curtirem as praias, a cervejinha gelada e o estimulante carnaval. E isso é mais do que justo, pois, em 1993, eles precisaram suar a camisa para ganhar dinheiro, pois a competição também invadiu as pistas de remate.

O desempenho comercial dos leilões de elite realizados em 93 apresentou preços cada vez mais sintonizados com a realidade do mercado. No segmento de eqüinos, por exemplo, as cotações dos garanhões e éguas de primeira linha tiveram substancial redução. Na área de bovinos, os valores obtidos pelos reprodutores e matrizes demonstraram situação semelhante. Sem dúvida, esse fato causou indignação em alguns criadores acos-

tumados com os números astronômicos, entretanto irrealis, praticados em anos anteriores.

Mas vamos ver como fica a situação em 94. A partir de março, os lei-

loeiros começam, de vez, a bater seus martelos. Em Londrina, principal praça de venda de animais puros do Paraná, já estão programados 20 remates de elite. No Estado de São Paulo, acontece o mesmo. As pistas de Araçatuba, Presidente Prudente, e do Parque da Água Branca e Hotel Palace, na capital paulista, só irão aquecer depois do final da temporada de verão. Para os criadores de zebu, os negócios iniciam efetivamente no mês de abril. O 1º Leilão Uiraquitã, que acontece no dia 25 de abril, em Uberaba, Minas Gerais, abre o calendário dos leilões de elite promovidos pela Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ). Em termos de Rio Grande de Sul, a gauchada também está na sombra. Como sempre, sorvendo o amargo chimarrão. Entretanto, os ovinocultores não estão parados. Em fevereiro, milhares de ovinos estão à venda, com destaque para as raças destinadas à produção de carne, muito procuradas e valorizadas nesta fase revolucionária da ovinocultura rio-grandense. Segundo os criadores, que estão apostando na produção de carne ovina, a comercialização deve render bons dividendos no decorrer de 94.

Relação dos animais vendidos por valores superiores a US\$ 50 mil - 1993

Data	Nome do animal	Espécie	Sexo	Raça	Preço (mil US\$)	Nome do comprador	Nome do vendedor
20/03	Aculeo Tapaboca	Eqüina	M	Crioulo	140,3	C. Strassburger	F. Ventura
05/04	Ponomarev	Eqüina	M	Árabe	547,5	E. J. Noli	N. Audi
29/04	Rambai do Sablá	Bovina	M	Nelore	64,2	M. de Omena	A. Mendes
02/05	Gangorra das netas	Bovina	F	Nelore mocho	50,0	D. Bezerra	V. Andrade
10/05	Dynorah HCF	Eqüina	F	Árabe	190,2	P. Simionato	P. R. Levy
10/05	An Brosia	Eqüina	F	Árabe	88,6	Haras V. Pinheiro	P. R. Levy
05/06	Digit	Bovina	F	Simental	67,5	R. Neves	C. Fraga
19/06	Abaiba Luva	Eqüina	F	M. marchador	57,7	S / inf.	L. Varella
16/07	Missy do Piratininga	Bovina	F	Árabe	51,2	A. Girão	Haras Piratininga
10/08	Hannoverhill	Bovina	F	Holandês	81,7	J. Perry/M. Agudo	E. J. Noli
30/08	Egito	Bovina	M	Nelore mocho	98,9	Glanb/ OMB	C. Viacava
30/08	Granada OB	Bovina	F	Nelore mocho	71,8	Y. Nakam	O. M. Brito
30/08	Corona	Bovina	F	Nelore mocho	67,5	J. Bernard/ Y. Nakan	O. M. Brito
16/09	Abaiba Danta	Eqüina	F	M. marchador	171,6	A. A. Junqueira	M. Figueiredo
30/09	Belduíno LRV	Eqüina	M	Appaloosa	63,4	Haras Emoção	Estância Irapuã
03/10	Etat	Eqüina	M	Árabe	153,8	Haras Inforpress	O. Guazzelli
19/10	Yankee Daisy	Eqüina	F	Árabe	69,7	M. Z. Lourenço	Haras Paullista
29/11	Tifany	Eqüina	F	Árabe	62,9	Associl Agropec.	Haras Al Hosçan

Fonte: A Granja

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO
AGRALE	4100	HSE-24 ST		3.718.941,	MAXION	MF 265/4 E			15.462.592,
	4300	HSE-24		7.023.979,		MF 275			13.502.262,
AGRALE/DEUTZ	BX-60			12.483.587,		MF 275/4			17.381.143,
	BX-4.60			16.024.462,		MF 275/4 E			16.824.217,
	BX-90 E			16.416.217,		MF 272			13.369.045,
	BX-4.90			21.371.263,		MF 290			15.900.026,
	BX-100			19.401.893,		MF 290/4			20.058.236,
	BX-4.110			24.725.233,		MF 290RA			12.891.304,
	BX-4.130			28.153.830,		MF 292			17.245.101,
	BX-4.130	SH		25.901.535,		MF 292/4			21.273.603,
	BX-4.150			33.622.010,		MF 297			18.824.555,
BX-4.150	SH		30.932.983,	MF 297/4				22.567.499,	
CASE	580H AX			39.092.536,		MF 299			21.784.200,
	W 18D			57.478.211,		MF 299/4			26.989.353,
	W 20D			64.187.861,		MF 630			26.874.306,
	W 36D			112.544.380,		MF 640			29.896.250,
	W 30D			91.511.135,		MF 660			35.844.794,
	888 CKE			99.152.098,		MX 9150			32.287.957,
CATERPILLAR	D4E-SR			44.978.314,		MX 9170			35.001.486,
	D6E-SR			88.418.324,					
	D5E-DD			54.299.085,					
CBT	8240			15.018.900	TM 12	c/teto solar simples		29.431.000,	
	8440			15.366.890,	TM 12	c/teto solar duplo		31.004.000,	
	2105	TMM/STD		16.701.800,	TM 14	c/teto solar simples		32.754.000,	
	8060	4x4		24.137.000,	TM 14	c/teto solar duplo		35.048.000,	
	8450	4x4		21.083.000,	TM 17	c/teto solar simples		40.132.000,	
	8060	4x2		18.774.000,	TM 17	c/teto solar duplo		42.280.000,	
	8260	4x4		24.131.000,	TM 25	c/teto solar duplo		46.669.000,	
	8240	CC		12.745.000,	TM 25	cabine/duplo		50.144.000,	
	8440	CC		13.086.000,	TM 31	c/teto solar duplo		63.532.000,	
2105	CC		15.699.000,	TM 31	cabine/duplo		68.263.000,		
FORD	4630		16.9/14x30	9.538.661,	STA .MATILDE				
	5630		16.9/14x30	11.182.441,	SM 370	C		17.623.136,	
	5630	TR	18.4/15x30	15.057.275,	SM 400	CR		11.621.778,	
	6630		18.4/15x30	12.116.451,	SM 500	CR		11.778.396,	
	6630	TR	18.4/15x30	15.850.023,					
	7630		18.4/15x30	14.500.638,	685	4x2		11.967.717,	
	7630	TR	18.4/15x30	18.42 .788,	685	4x2F		11.228.657,	
	7830	TR	18.4/15x30	21.230.832,	685	4x4F		14.830.893,	
	8030	TR	18.4/15x30	22 10 362,	685	4x4		15.566.724,	
FIATALLIS	7D			35.321.479,	785	4x2		14.111.154,	
	FD9C0			47.746.511,	785	4x2F		15.279.045,	
	FD9E0			47.588.208,	785	4x4		18.544.682,	
	FA120			49.542.470,	785	4x4F		16.807.158,	
	14CTC0			75.497.626,	885	4x2		16.749.303,	
KOMATSU	14CTE0			72.450.230,	885	PCR		12.667.727,	
	D30E			39.577.200,	885	4x4		21.476.505,	
	D50A			53.429.220,	985	4x2		18.554.242,	
	D60E			83.813.520,	985	4x4		24.146.658,	
	D60F			101.855.200,	1180	4x4		27.259.449,	
	D65E			87.492.080,	1280	4x2		20.541.888,	
	D73E			98.105.980,	1280	4x4		27.834.508,	
MAXION	MF 235			9.571.159,	1580	4x4		34.507.796,	
	MF 235 E			9.276.351,	1780	4x4		39.272.885,	
	MF 265			11.852.102,	YANMAR	TC 11		3.645.815,	
	MF 265 E			11.497.057,	1040 STD			8.771.675,	
	MF 265/4			16.175.406,	1050D STD			11.689.708,	

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA



SUPERTRATORES

	MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO		MODELO	TIPO	RODAGEM	PREÇO	
IDEAL	9070	grão		30.313.833,	N. HOLLAND	TC 55	arroz irrigado		22.987.147,	
	9070	arroz		28.855.287,		TC 55	trigo e soja		23.319.453,	
	9075	grão		33.688.384,		TC 57	arroz irrigado		26.026.077,	
	9075	grão turbo		35.544.743,		TC 57	trigo e soja		26.408.518,	
	9075	arroz		34.202.825,						
	9075	arroz turbo		36.087.555,						
LAVRALE	L 300	arroz/zeira/direto		16.384.574,	SANTA MATILDE	5105			21.080.377,	
	L 300	p/cereais		15.997.086,		1200			19.748.906,	
	L 300	p/milho		17.955.396,						
LEILA	LEILA 2	esteira		11.454.000,	SLC	6200	versão básica (S/PC)		15.711.773,	
	LEILA 2	roda		10.350.000,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		17.224.829,	
	LEILA 1	esteira		9.936.000,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		18.788.224,	
	LEILA 1	roda		9.384.000,		6200 H/4 T	turbo hidrostático (S/PC)		20.301.280,	
MASSEY FERGUSON	3640	arroz/zeira		29.334.942,		6200	versão arroz/zeira (S/PC)		16.340.168,	
	3640	grão		28.623.864,		6200 turbo	c/motor turbo (S/PC)		17.853.201,	
	5650	grão		30.210.602,		6200 H/4	transmissão hydro (S/PC)		19.416.623,	
	5650	arroz/zeira		30.461.033,		6200 H/4 T	turbo hydro (S/PC)		20.929.680,,	
	5650	grão turbo		32.704.998,		Série 200	plataformas			
	5650	arroz turbo		32.054.732,		PC 213	corte 13 pés rígida		3.367.717,	
	MX 90	grãos		34.790.935,		PC 216	corte 16 pés rígida		3.403.092,	
	MX 90	grãos turbo		36.245.469,		PC 213	corte 13 pés flexível		3.553.500,	
	MX 90	arroz/zeira		34.955.496,		PC 216	corte 16 pés flexível		3.594.820,	
	MX 90	arroz/zeira turbo		36.438.341,			controle aut. p/flexível			
	6845	grão		34.790.935,	PM 3209	p/milho 3 linhas regul.		4.337.142,		
	6845	grãos turbo		36.245.469,	PM 4209	p/milho 4 linhas regul.		5.898.711,		
	6845	arroz/zeira		34.995.456,	CE 6200	conjunto de esteiras 6R		6.899.323,		
	6845	arroz turbo		36.438.341,						

OBS: 1) Os preços são posto-fábrica, fornecidos em janeiro. 2) Preços para as regiões Sul e Sudeste. 3) Não confirmaram preços: FiatAllis e New Holland.

TM14

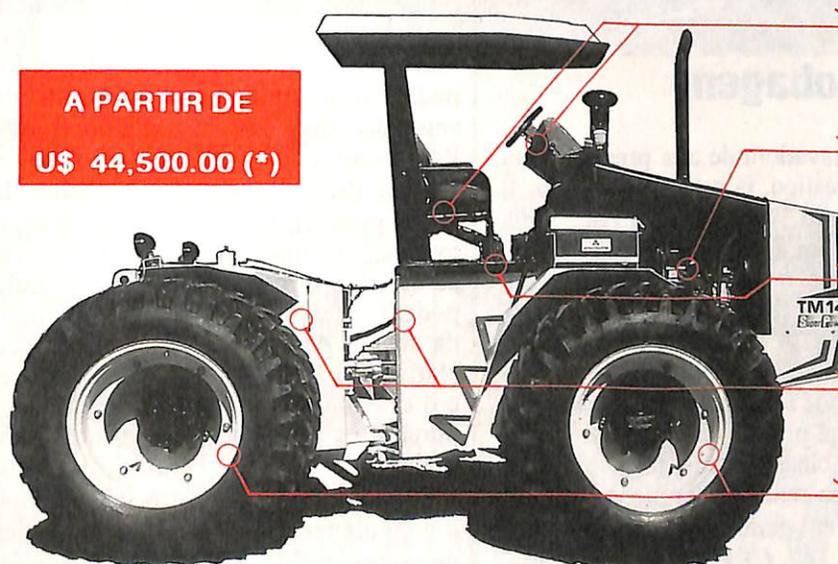
Super Power

SUPER PRODUTIVIDADE

A PARTIR DE

US\$ 44.500,00 (*)

A MÁQUINA APRESENTA ALGUNS OPCIONAIS



SUPER CONFORTO

- NOVA PLATAFORMA DE OPERAÇÃO
- NOVO PAINEL
- NOVA CABINE (OPCIONAL)

SUPER POTÊNCIA

- MOTOR DE 6 CILINDROS EM LINHA
- POTÊNCIA DE ATÉ 152 HP
- TURBOALIMENTADO

SUPER TRANSMISSÃO

- 12 MARCHAS À FRENTE
- AMPLA GAMA DE VELOCIDADES

SUPER RESISTENTE

- CHASSI ARTICULADO E OSCILANTE
- ÚNICO EM SUA CLASSE DE POTÊNCIA

SUPER TRAÇÃO

- INTEGRAL NOS DOIS EIXOS
- OPÇÃO PARA 4 OU 8 PNEUS

CONSULTE-NOS



(021)390-7650

(*) PREÇO AO PÚBLICO POSTO FÁBRICA (RJ) A SER CONVERTIDO EM CRUZEIROS REAIS PELO DÓLAR COMERCIAL, SEM OPCIONAIS, SEM ICM, COM 4 PNEUS 18.4/15x34



■ Protegendo a propriedade

O arame farpado "Sítio" é indicado pelo fabricante como ideal para ser usado em chácaras, hortas, lotes urbanos, cercas provisórias e pequenas construções. Fabricado em aço de alta qualidade, está em condições de resistir a impactos de até 250 quilos-força. O produto é entregue aos revendedores em rolos de 100, 250 e 500 metros. **Belgo Mineira, Av. Carandaí, 1.115, 17º/26º andar, CEP 30130-915, Belo Horizonte/MG, fone (031) 219-1122.**

■ Roupa nova para porcos e frangos

Uma família de embalagens inédita, prática e exclusiva acondiciona os produtos com a marca Seara, como presuntos tender sem osso e semi-osso, presunto tenro e os exclusivos pernil, lombo e ave temperada classys, bem como o tender de frango, que chegam de roupa nova. Confeccionados em poliéster e polieteno linear metalizados, esses invólucros oferecem praticidade ao varejista e ao consumidor, pois os produtos, depois de acondicionados em sacos-vácuo, são colocados em sacolas invioláveis com alças práticas, facilitando o transporte e armazenamento nas gôndolas dos supermercados e em casa. **Ceval, Rodovia Jorge Lacerda, Km 20, Gaspar/SC, fone (047) 332-0211, fax 331-2005.**



■ Sujeira pouca é bobagem

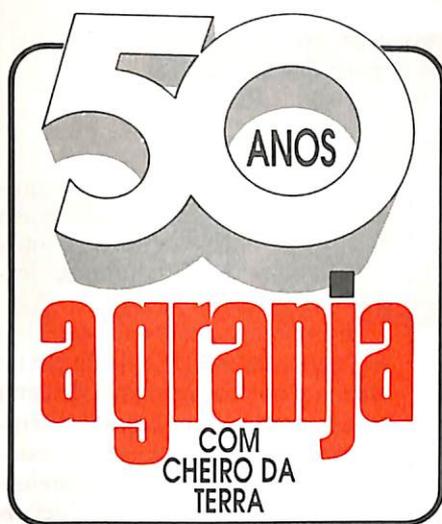


Uma lavadora de alta pressão, para uso doméstico, já está no mercado. É o primeiro equipamento de água quente, com apenas 35kg, que facilita ainda mais o trabalho devido à alta temperatura (80°C) associada à pressão d'água. A sujeira de difícil remoção deixa de ser problema. O equipamento pode ser empregado na retirada de cera na pintura de veículos, limpeza de piscinas, pedras, fachadas e até mesmo na remoção de óleos e graxas de pisos em geral. **Kärcher, Rua Itanhanga, 147, CEP 02342, Tucuruvi, São Paulo/SP, fone (011) 564-6111, fax 285-1982.**



■ Ladrão sem ação

O primeiro sistema antifurto do País, acoplado à caixa da transmissão de marchas, começou a ser pesquisado pela Equipamentos Clark em 1991 e estará à disposição do mercado nos próximos dias. Segundo o fabricante, o equipamento funciona com o motor desligado e pode ser instalado junto às transmissões CL-2615, 2205, 260 F e 240 V, que equipam as pick-ups. Para processar o bloqueio, a marcha à ré deve ser engatada, e os dois primeiros números da senha de seis dígitos acionada. Em seguida, o usuário terá trinta segundos para sair e fechar a porta. Para desbloquear a transmissão, deverão ser digitados os seis números da senha pessoal. O teclado com os dígitos fica na manopla da alavanca do câmbio, e o proprietário do veículo poderá errar até dez vezes o número da senha. Após a décima tentativa, o alarme irá disparar automaticamente, e o sistema de digitação ficará inativo durante os 15 minutos seguintes com o alarme disparado. Há um microprocessador instalado dentro do sistema, o qual comporta 15 mil possibilidades de combinações, ao gosto do freguês. **Equipamentos Clark Ltda., fone (0192) 71-9627.**



■ Pastagem inoculada

O Nitrofix-Forageiras é o inoculante para trevos, cornichão e alfafa lançado pelo Irfa, resultante de um processo natural de diversificação da linha de produtos da empresa. Com isso o Irfa completa seu projeto de parceria com o Instituto de Pesquisa Tecnológicas (IPT), no desenvolvimento desse insumo, que possui moderna tecnologia de fabricação. Irfa — Química e Biotecnologia Industrial Ltda., Estrada do Lami, 6.133, Porto Alegre/RS, fone (051)259-1333, fax (051)259-1241.



■ Na ponta do vídeo

A Toledo lançou um software, que liga a balança eletrônica portátil para pesar o gado diretamente a microcomputadores. Com o nome comercial de "Glink", o mecanismo transfere os dados de peso e número do animal da memória da balança para um arquivo, permitindo sua transferência para qualquer programa de gerenciamento de performance de rebanho e, ainda, eliminando o retrabalho e a redigitação de dados de pesagem. O fabricante garante que o aparelho agiliza e oferece maior confiabilidade no manejo dos animais. Toledo do Brasil Indústria de Balanças Ltda., Rua dos Patriotas, 1.210, CEP 04207, São Paulo/SP, fone (011) 524-3500, ramal 170, fax 523-2100.



■ Pulverização correta

Pela primeira vez, estão sendo colocados no mercado de implementos os pulverizadores agrícolas dotados de diferencial técnico, desenvolvidos com tecnologia de primeira linha. Os modelos, do tipo mecanizado ou automatizado, levam as seguintes denominações: PO6-VPM, Alba Volux VPA, Alba Super VPE, Ômega Citrus, Gyp 200 e Arbo 460. Através de pesquisas realizadas pela Berthoud Sociéte Anonime, matriz da Berthoud, na França, foi constatado que os modelos tradicionais promoviam um prejuízo à

lavoura, devido à dificuldade de atingir o volume ideal do produto na fase da pulverização. O novo sistema vai beneficiar a prática do serviço agrícola nas mais diferentes culturas do País, evitando a superdosagem (excesso de gastos e envenenamento dos alimentos, ou a subdosagem, vulnerabilidade ao ataque de pragas). Berthoud Indústria de Máquinas Agrícolas Ltda., Rua Tenente Djalma Dutra, 888, São José dos Pinhais/PR, fone (041) 283-1191.



Agricultura e abertura econômica

Neste momento, estamos assistindo passivamente à falência generalizada do Estado, que não consegue sequer suprir suas funções mais básicas, de educação, saúde e habitação. Entretanto, apesar de ainda distantes do dia-a-dia, algumas mudanças estruturais já ocorreram. Uma delas é o rápido processo de abertura econômica do País, representado pela queda abrupta da tarifa média de importação, que passou de 55%, em 1987, para cerca de 14%, em julho de 1993. Embora algumas lideranças da agricultura insistam no velho discurso do subsídio, acreditando que ainda exista uma ampla capacidade de financiamento no Estado, todos os indícios mostram que é impossível contarmos hoje com uma política agrícola nos moldes do passado. A idéia do subsídio não é absurda em si, mas, sim, infactível, nesse momento de absoluta necessidade de contenção de despesas. Vale lembrar que o subsídio é uma prática comum a todas as nações desenvolvidas do mundo. Por exemplo, na União Européia (UE), os elevados preços agrícolas são fixados em reuniões anuais dos ministros da Agricultura. Países considerados modelos de competitividade em produtos industriais, como Japão, Alemanha ou Suécia, são, ao mesmo tempo, altamente subsidiados e protecionistas em relação à agricultura, fugindo das duras leis da concorrência do mercado e apoiando-se em razões de caráter social, político ou ambiental.

Nas últimas décadas, de fato, houve importantes subsídios implícitos no crédito rural e nos preços mínimos da política agrícola. Porém eles sempre foram compensados por uma permanente discriminação das demais políticas públicas contra o setor agropecuário. Na justificativa de baratear a comida e abastecer o mercado, o governo tabelava os preços dos alimentos, restringia as ex-



Marcos Sawaya Jank é assessor especial para Assuntos Internacionais da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e professor da Esalq/USP

portações agrícolas, estimulava as importações de produtos com elevados subsídios na origem, manipulava estoques públicos, além de manter uma permanente, pesada e injusta tributação sobre a cesta básica, via ICMS e outros impostos (atendendo ao interesse orçamentário dos Estados mais agrícolas).

A meu ver, este é um excelente momento para repensar o papel global das políticas públicas, que agora se inserem no novo cenário de uma economia aberta, integrada no Mercosul, desregulamentada e crescentemente privatizada. Acredito que, para sobreviver no novo contexto, a agricultura precisa muito mais de políticas macroeconômicas coerentes, que, pelo menos, não discriminem o setor, do que dos paternalistas, seletivos e hoje impraticáveis mecanismos "toma-lá-dá-cá" da velha política agrícola.

Além da tão difícil liberdade de preços, o setor necessita, hoje, de juros baixos, câmbio em equilíbrio (e não em constante sobrevalorização, como na

década de oitenta), direitos compensatórios rígidos e eficientes contra a entrada de produtos subsidiados e, finalmente, impostos mais baixos.

É importante salientar que, com as freqüentes isenções de tarifas no interesse do abastecimento de curto prazo, a agricultura brasileira sempre esteve bastante aberta ao exterior. Já os segmentos agroindustriais que estão "antes" e "depois da fazenda" foram, em grande parte, protegidos por tarifas alfandegárias elevadas, dentro do conceito de "indústria nascente" do hoje exaurido modelo de substituição de importações. Assim, uma abertura econômica bem orquestrada irá favorecer a agricultura, na medida em que esta pagará menos pelos seus insumos, máquinas e equipamentos, sem contar os benefícios relativos à troca de concessões no GATT, que deveriam ser negociados à proporção que o País diminuísse suas tarifas de importação.

O setor privado, por sua vez, precisa enxergar que estamos vivendo em uma economia aberta, desregulamentada e integrada. Em vez de implorar por um subsídio que não existe, deveria exigir do Estado uma política macroeconômica estável, não-discriminatória e igualitária em termos de Mercosul. Na questão tarifária, por exemplo, seria preciso que houvesse, pelo menos, uma igualdade de tratamento em relação às agroindústrias correlatas.

O ponto central, todavia, é que, em um economia de livre mercado, são fundamentais a organização, a representatividade e a negociação sistêmica. Sem o Estado, um setor altamente competitivo, como o agrícola, somente conseguirá sobreviver com cooperativas, sindicatos e associações de produtores fortes, profissionais e representativos, os quais devem ter como meta principal o aprimoramento dos termos contratuais entre a agricultura e os oligopólios situados à montante e à jusante desta, exatamente como ocorre no agribusiness do mundo desenvolvido. ■

NÃO ENTRE EM CAMPO PARA PERDER.



Ganhe em produtividade com a nova colheitadeira MF 6855.

O último lançamento da Massey Ferguson já nasce batendo recordes. A colheitadeira MF 6855 é a maior do mercado e é campeã em produtividade graças a uma série de inovações:

- Maior largura de trilha.
 - Maior área de peneiras.
 - Maior área de separação (6 saca-palhas).
 - Cilindro de alta inércia.
 - Retilha independente.
- Ganhe muito mais na próxima safra. Bote uma MF 6855 no seu campo.



MASSEY FERGUSON
PRODUZIDO POR IOCHPE-MAXION S.A.

UMA NOVA
AGRICULTURA
COMEÇA AQUI.

ZENECA

E EM MAIS 129 PAÍSES.

A partir de 1º de janeiro de 94, a ICI vai se transformar em ZENECA.

O novo nome traduz as elevadas metas da companhia: vem de "zênite", o ponto mais alto do céu, o lugar que o sol atinge ao meio-dia.

Nascida sob a melhor herança da ICI, ZENECA focalizará recursos na área agrícola, investindo prioritariamente em tecnologia e pesquisa.

Com uma filosofia voltada para a prosperidade do cliente, irá trabalhar em estreita parceria com o agricultor, buscando sempre novas soluções para seus problemas.

Todos os produtos e serviços que a ICI oferecia ao mercado serão mantidos. Marcas consagradas como 'Gramoxone', 'Flex', 'Fusilade', 'Karate' e 'Ordram', entre outras, conti-

nuarão integrando a linha de produtos ZENECA, assegurando produtividade, mais qualidade de alimentação, com baixos custos para o agricultor.

Se você e a ICI já eram bons parceiros... você e a ZENECA irão muito além. Mais que um ano novo, uma nova era da agricultura começa com a ZENECA.



A partir de
1º de janeiro de 94
a ICI se transforma
em Zeneca

ZENECA Agrícola

Ajudando o agricultor a alimentar o mundo.